



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
Campus de Pau dos Ferros
Departamento de Letras Vernáculas - DLV
Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS
Unidade Pau dos Ferros
Br 405, Km 153, Bairro Arizona, CEP 58900-000, Pau dos Ferros/RN
Fone (84) 3351 2560/ Fax 3351 3909/ E-mail profletras.pferros@gmail.com/ Site propeg.uern.br/profletras



MARIA TEREZA RODRIGUES DE SOUZA

O USO DO FUTURO PERIFRÁSTICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL

PAU DOS FERROS

2016

MARIA TEREZA RODRIGUES DE SOUZA

**O USO DO FUTURO PERIFRÁSTICO NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Unidade de Pau dos Ferros, *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal

**PAU DOS FERROS
2016**

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S719u Souza, Maria Tereza Rodrigues de.
O uso do futuro perifrástico no ensino de Língua Portuguesa: uma
abordagem funcional / Maria Tereza Rodrigues de Souza - 2016.
102 p.

Orientadora: Rosângela Maria Bessa Vidal.
Coorientadora: .
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte, Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede
Nacional, 2016.

1. Letras. 2. Ensino de língua portuguesa. 3. Gramática. 4. Tempo
futuro . 5. Funcionalismo. I. Vidal, Rosângela Maria Bessa, orient. II.
Título.

A dissertação **O uso do futuro perifrástico no Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem funcional**, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PROFLETRAS/Pau dos Ferros/UERN, como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Dissertação defendida e aprovada em 01 de dezembro de 2016.

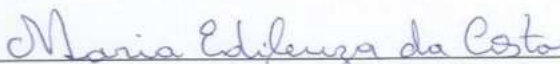
BANCA EXAMINADORA



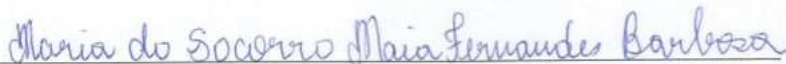
Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal – UERN
(Presidente)



Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes – UFC
(1º Examinador- membro externo)



Profa. Dra. Maria Edileuza Costa – UERN
(2º Examinador- membro interno)



Profa. Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa – UERN
(Membro Suplente)

PAU DOS FERROS

2016

AGRADECIMENTOS

A caminhada foi longa e cheia de obstáculos que, aos poucos, foram vencidos durante o percurso do mestrado com a ajuda de pessoas que fazem parte dessa conquista, as quais não poderia deixar de agradecer.

Agradeço primeiramente a Deus, por estar ao meu lado em todos os momentos, dando-me forças para superar as dificuldades dessa caminhada profissional;

Ao meu esposo, Everaldo, que me apoiou incondicionalmente desde a seleção para o mestrado até o momento de conclusão, dando-me força e coragem sempre;

Aos meus irmãos, José Wellington, Welderi, Welderson e Welda Lígia, pelo amor que têm por mim. Obrigada por me fazerem sentir importante na vida de vocês e de meus sobrinhos;

Aos meus familiares e amigos, que de uma forma ou de outra contribuíram e torceram por mim, e compreenderam minha ausência em certos momentos, devido às ocupações com o mestrado.

À minha orientadora, Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal, que orientou-me generosamente na elaboração desse trabalho. Obrigada pela paciência que teve comigo, por respeitar meu ritmo de trabalho, por transmitir tranquilidade com suas palavras sempre positivas e por ter me ajudado a galgar mais um degrau na minha vida acadêmica;

Aos meus colegas mestrandos do PROFLETRAS, em especial a Cássia, Lendl e Leda, com os quais partilhei momentos inesquecíveis durante as viagens a Pau dos Ferros, na realização dos trabalhos em grupo, enfim. Com vocês muito aprendi;

A todos os professores do PROFLETRAS que contribuíram da melhor maneira possível nessa etapa de construção mútua do conhecimento;

Aos professores Dr. Marcos Nonato de Oliveira e Dr.^a Maria Edileuza da Costa, pelas relevantes contribuições de aperfeiçoamento em minha pesquisa no exame de qualificação.

Às minhas amigas Josélia, Livia, Maria Veroneide, e ao meu amigo Anderson, por, de forma revezada, terem me substituído em sala de aula sempre que precisei me ausentar para assistir às aulas do mestrado;

Aos gestores e cogerentes das escolas onde leciono, pelo apoio que me deram, liberando-me sempre que foi preciso para que pudesse assistir às aulas do mestrado;

À direção e à coordenação da Escola Antônio de Sousa Dias, por colaborar com minha pesquisa, permitindo-me desenvolvê-la e, em especial, aos meus alunos do sétimo ano, pois sem a colaboração de vocês meu trabalho não teria razão de ser;

Aos professores Dr. Valdecy de Oliveira e Dr.^a Maria Edileuza da Costa, pela disponibilidade em participar da banca e pelas valiosas contribuições para enriquecimento desse trabalho;

À coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, CAPES, pelo apoio financeiro;

Agradeço, por fim, a todos que, direta ou indiretamente, confiaram e torceram por mim durante esse período de luta e conquista.

Aos meus pais, José Rodrigues e Maria Aparecida
(In memoriam) e minha avó Josefa Inácio (In
memoriam), por serem sempre luz em minha vida.

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

(Oswald de Andrade)

RESUMO

A expressão de tempo futuro manifesta-se na língua portuguesa nas modalidades oral e escrita, e o falante, por sua vez, lança mão de formas verbais diversificadas para expressá-lo. Estudos mais recentes, como Gibbon (2000), Oliveira (2006), Furtado da Cunha & Silva (2007), Tesch (2011), Figueiredo (2015), entre outros, apontam esse fenômeno variável ao longo da história da língua portuguesa e mostram indícios da implementação da forma perifrástica do verbo IR no presente + infinitivo como possibilidade de substituição da forma conservadora (futuro simples). De acordo com essas pesquisas, tal mudança apresenta-se quase concluída na fala e já começa a ganhar espaço na escrita. Dentre as diversas formas de expressar futuridade em nossa língua, esse trabalho focaliza a expressão de tempo futuro no ensino de língua portuguesa, codificada pela forma perifrástica (IR no presente + infinitivo). O estudo abrange a modalidade escrita, a partir de análise de uma amostra de textos produzidos pelos alunos do sétimo ano de uma escola pública da rede municipal de ensino, na cidade de Cajazeiras – PB. Com base nos princípios do Funcionalismo Linguístico, buscou-se investigar a utilização do verbo IR na formação do tempo futuro em língua portuguesa, refletindo sobre as situações reais de uso da língua e a forma como as variantes de futuro são utilizadas pelos alunos em suas produções textuais, considerando-se os fatores discursivos, pragmáticos e semânticos que influem esses usos. Algumas considerações também são feitas acerca do modo como o tempo futuro é tratado no livro didático adotado pela escola. A partir dessas reflexões, é apresentada uma proposta de intervenção baseada nos pressupostos da linguística funcional como sugestão de atividade a ser desenvolvida, visando contribuir com o ensino de língua pautado nas situações de comunicação e não apenas na mera reprodução de abordagem da gramática tradicional. Os resultados da pesquisa atestam que o futuro perifrástico, geralmente usado na modalidade oral, também é encontrado na modalidade escrita, em concorrência com o futuro simples, no ambiente escolar, motivado por fatores discursivos, pragmáticos e semânticos.

Palavras-chave: Funcionalismo norte-americano. Tempo futuro. Gramaticalização Ensino de língua portuguesa. Gramática.

ABSTRACT

The expression of future tense manifests itself in the Portuguese language in the oral and written modalities, and the speaker, in turn, uses several verbal forms to express it. Recent studies, such as Gibbon (2000), Oliveira (2006), Furtado da Cunha & Silva (2007), Tesch (2011), Figueiredo (2015), among others, point to this variable phenomenon throughout history of the Portuguese language and show the indicative present of the periphrastic form with *Go* in the present + infinitive as possibility replacement of the conservative form (simple future tense). According to these surveys, this change is almost complete in speech and is already begins getting more space in writing. Among the different ways of expressing futurity in our language, this study focuses on the expression of future tense in Portuguese language teaching, codified by the periphrastic form (*Go* in the present + infinitive). The study covers the written modality, based on an analysis of a sample of texts produced by the seventh year students of a public school in the municipal teaching network, in the city of Cajazeiras - PB. Based on the principles of Language Functionalism, we sought to investigate the use of the verb *Go* in the formation of future time in Portuguese, reflecting on the real situations of language use and the way future variants are used by the students in their textual productions, considering the discursive, pragmatic and semantic factors that influence these uses. Some considerations are also made about how future tense is discussed in the textbook adopted by the school. From these reflections, a proposal of intervention based on the theoretical assumptions of functional linguistics as a suggestion of the activity to be developed is presented, aiming to contribute with the teaching of language based on the situations of communication and not only in the reproduction of traditional grammar approach. The results show that the periphrastic future, usually used in the oral mode, is also found in written mode, in competition with the simple future, in the school environment, motivated by discursive, pragmatic and semantic factors.

Key words: North American functionalism. Future tense. Grammaticalization. Portuguese language teaching. Grammar.

LISTA DE AMOSTRAS

Amostra 01: Títulos dos textos	72
Amostra 02: Texto 1: Como vai ser em 2040	73
Amostra 03: Texto 3: A vida em 2040.....	73
Amostra 04: Texto 3: A vida em 2040	74
Amostra 05: Texto 2: O mundo em 2040	75
Amostra 06: Texto 4: Como vai ser a vida daqui a 40 anos?	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 APRESENTAÇÃO DO FENÔMENO.....	19
2.1 As formas de futuro em língua portuguesa.....	19
2.2 O verbo IR na perspectiva da gramática tradicional.....	20
2.3 O verbo IR na visão da linguística.....	23
3 ABORDAGEM FUNCIONALISTA E SUAS VERTENTES.....	28
3.1 Considerações sobre a ciência Linguística.....	28
3.2 O funcionalismo norte-americano.....	29
3.3 O princípio de gramaticalização.....	30
3.4 Mudança linguística e gramaticalização.....	32
4 ENSINO DE GRAMÁTICA E FUNCIONALISMO.....	37
4.1 A gramática na visão funcionalista.....	37
4.2 As gramáticas que nos cercam.....	40
4.3 Ensino de gramática: objetivos e crenças.....	44
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	53
5.1 Caracterização da pesquisa.....	53
5.2 Apresentação do campo da pesquisa.....	54
5.3 Procedimentos da coleta e critérios de análise.....	55
5.4 Apresentação do livro didático.....	56
5.5 Elaboração da sequência didática.....	58
6 MOMENTO DE INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA: OS USOS LINGÜÍSTICOS	66
6.1 A abordagem do tempo futuro no livro didático.....	66
6.2 Análise da proposta interventiva nas produções textuais.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXO.....	85

1 INTRODUÇÃO

Uma das grandes dificuldades que os professores de língua materna enfrentam em sala de aula é, sem dúvida, o ensino da gramática, que por vezes parece distanciar-se do uso real da língua, ao ser considerada, num aspecto mais restrito de seu conceito, como conjunto de boas regras para aqueles que querem falar e escrever bem.

Segundo Neves (1994), Possenti (1996), o ensino de língua em muitas escolas caracteriza-se pelo ensino da gramática puramente normativa, que trabalhada de forma descontextualizada e mecânica faz com que os alunos memorizem uma série de regras apenas com o intuito de passar de ano, no vestibular ou em algum outro tipo de concurso, despertando um verdadeiro pavor e rejeição pelo estudo da língua e reforçando o mito de que “português é difícil”, “a gente não sabe falar português”. Desse modo, a norma culta¹ torna-se algo distante da realidade e os alunos por não terem domínio sobre essa variante, acabam sofrendo reprovações, recriminações e vivenciando o preconceito linguístico. Ao enfatizar apenas o ensino da norma, a escola parece desconsiderar a variante linguística do aluno, apresentando-a como forma “errada” ao passo que lhes impõe um modelo padrão².

A língua tomada como sistema de normas é, segundo Bakhtin (1997, p. 126), algo abstrato que só tem aplicabilidade teórica e prática se for considerada “do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e seu ensino”. Sendo assim, tal sistema não é suficiente para que se possa compreender e explicar os fenômenos linguísticos que, como a língua, estão em constante evolução. Nesse contexto, ensinar a língua significa ensinar regras.

Do ponto de vista prático, segundo estudiosos como Travaglia (2006), Antunes (2003), Possenti (1996), Neves (1994), Bagno (1999), dentre outros, pouco se avançou em relação à forma de ensinar gramática que continua sendo o objeto de ensino de português na maioria das escolas e não a língua como deveria. Apesar das contribuições da sociolinguística, do funcionalismo, das teorias do discurso entre outras, estas parecem estar longe da prática vivenciada por muitos professores em sala no ensino fundamental e médio.

¹O termo norma culta refere-se a variedade utilizada pelas pessoas que têm maior contato com a modalidade escrita, possuindo, assim, uma fala mais próxima das regras dessa modalidade. Cf. Faraco (2002, p. 39-40).

²Segundo Faraco (2002, p.40), a norma-padrão é carregada de preconceitos em relação às outras variedades e tem como objetivo padronizar a língua, considerando tudo o que é diferente a ela como errado.

Segundo os autores mencionados acima, no que diz respeito ao perfil dos alunos que atualmente frequentam a escola pública constatamos que vêm dos mais variados segmentos da sociedade, com experiências linguísticas bastante diversificadas, trazendo para a sala de aula as variedades consideradas desprestigiadas do português, que a escola procura eliminar, “bombardeando-os” com uma série infinita de informações sobre uma língua que desconhecem, reafirmando, assim, preconceitos e discriminações sociais.

Sendo assim, esses autores defendem a ideia de que é função da escola possibilitar ao aluno a aquisição e prática do dialeto padrão. Segundo Bechara, (2002, p. 16), salienta que “o ensino dessa gramática escolar, normativa, é válido, como o ensino de uma modalidade “adquirida”, que vem juntar-se (não contrapor-se imperativamente!) a outra, “transmitida”, a modalidade coloquial ou familiar”.

Conforme estudo realizado por Neves (1994), o ensino de língua portuguesa é, na maioria das vezes, desenvolvido nas escolas partindo das propostas apresentadas pelo livro didático, considerado, segundo estudiosos da área, uma referência para a organização do currículo escolar além de constituir-se como referência teórica essencial, por vezes, a única fonte de pesquisa e “(in) formação” do professor, e que normalmente apresenta uma visão fragmentada dos conteúdos relativos à gramática, leitura e produção textual. No que se refere ao trabalho com a gramática, especificamente, percebemos que, em geral, há uma “polarização” entre o estudo do texto e o estudo da frase e da palavra. Tomando o texto como base para a prática do ensino de gramática, notamos que esta se traduz, na maioria das vezes, pela apresentação de frases ou palavras isoladas utilizadas apenas para realizar a classificação morfológica e sintática. Parece não haver, na maioria das vezes, um trabalho efetivo com os fenômenos linguísticos, e sim uma apresentação sistemática e estática da análise feita pelos autores de livros didáticos que são apenas reproduzidos em sala de aula pelo professor.

Procedendo as reflexões acerca das atividades desenvolvidas com a gramática, vimos a necessidade de (re)pensar seu ensino nas aulas de língua portuguesa, partindo das situações reais de uso. Para tanto, buscamos entender, em particular, o modo como as variantes de futuro são utilizadas nas produções textuais dos alunos, em que contextos de uso ocorrem a forma conservadora e a forma inovadora, uma vez que esse fenômeno mostra-se fato recorrente nos textos escritos por eles.

Apesar da forma sintética de futuro ser, muitas vezes, apresentada nas gramáticas tradicionais e manuais didáticos como sendo a única possibilidade de expressar ideia de futuro, estudos desenvolvidos na área da sociolinguística e do funcionalismo, como Gibbon (2000), Oliveira (2006), Furtado da Cunha & Tavares (2007), Tesch (2011), Figueiredo

(20015), dentre outros, demonstram que há uma variação verbal na forma de expressar ideia de futuro, no português do Brasil, a saber:

(I) forma sintética ou futuro simples, (farei, cantaremos), considerada pela gramática normativa como a forma padrão; (II) presente do indicativo, acompanhado, na maioria das vezes por advérbios que expressem ideia de futuridade (amanhã ligo para você); (III) a forma perifrástica, composta de um verbo considerado auxiliar que acompanha um verbo principal (hei de sair, poderei ligar, vou falar); (IV) verbo estar no futuro simples + gerúndio (estarei passando); (V) verbo IR no presente + estar + gerúndio (vou estar passando).

Dentre as formas perifrásticas mais frequentes utilizadas para expressar a ideia de futuro destacamos a que se estrutura pelo verbo IR+ infinitivo, em que o verbo que funciona como auxiliar apresenta-se no futuro do presente (irei fazer a prova) ou no presente do indicativo (vou fazer a prova). Percebemos que, apesar do verbo IR funcionar como auxiliar, também aparece flexionado na forma sintética (irei à aula), para expressar ideia de futuro, atuando como verbo pleno, indicando movimento.

Ao analisarmos tais ocorrências, nos deparamos com dois fenômenos diferentes, porém que apresentam relação entre si: (a) o verbo IR sofre mudança³ em sua estrutura e em seu sentido, (noção espacial → noção temporal; (b) uma forma inovadora, a perifrástica, emerge para expressar futuro do presente em língua portuguesa.

Observando-se a ocorrência do uso da forma sintética e sua concorrente perifrástica para expressar ideia de futuro nos textos escritos por nossos alunos, constatamos que a maioria deles usa a forma perifrástica, sendo que, em alguns casos, aparecem ambas as formas, no mesmo texto escrito. Diante dessa recorrência, nossa pesquisa pretende responder à questão: Por que os alunos do ensino fundamental, em particular do 7º ano, apresentam tantas dificuldades em compreender, na prática, os contextos de uso da forma conservadora de futuro (futuro simples) e a variação / mudança através do uso do futuro perifrástico?

A fim de responder a essa questão, buscamos respaldar nossa pesquisa na teoria funcionalista que considera os usos reais, efetivos da língua nas situações comunicativas, enfocando, brevemente, aspectos sociolinguísticos, que de certa forma relacionam-se ao uso funcional dessa, partindo do pressuposto de que o ensino de gramática deve se efetivar a partir da língua em uso, considerando-se suas variedades e heterogeneidade constitutiva.

³Mudança, nesse contexto, refere-se às evoluções de uma língua ao longo do tempo, ou seja, está relacionado ao processo diacrônico.

O funcionalismo visa explicar as regularidades de uso da língua, analisando as condições discursivas de tal uso. Sendo assim, a estrutura gramatical é entendida como variável dependente do uso que dá forma ao sistema. (Cf. FURTADO DA CUNHA, 2007). Nesse sentido, entendemos que a escola deve considerar as variedades linguísticas no trabalho desenvolvido com a gramática em sala de aula, de modo a desenvolver atividades que contemplem a variação linguística presente nos textos reais elaborados pelos alunos, de modo que eles percebam a adequação de uso da língua em diferentes situações comunicativas, evidenciando que um determinado uso linguístico não é melhor do que outro, mas que atendem à “finalidades distintas”.

Partindo desse pressuposto, em nossa pesquisa, objetivamos: (i) descrever o uso do verbo IR na formação do tempo futuro no processo de ensino-aprendizagem de gramática, numa perspectiva funcionalista; (ii) apresentar a proposta de ensino de gramática contida no livro didático sobre a formação do tempo futuro em língua portuguesa, lançando mão de uma proposta interventiva baseada nos pressupostos da linguística funcional como sugestão de atividade a ser desenvolvida, visando contribuir com o ensino de língua portuguesa pautando-se nas situações de comunicação e não apenas na mera reprodução de noção gramatical tradicional; (iii) identificar os contextos que influenciam o uso das formas variantes nas produções textuais dos alunos, verificando a contribuição da proposta interventiva para o ensino.

Nessa perspectiva, buscamos relacionar os usos linguísticos reais desenvolvidos pelos alunos em seu cotidiano com as regras tradicionais apresentadas pela gramática normativa, especificamente sobre o uso do tempo futuro, observando até que ponto tais regras são apreendidas e efetivamente utilizadas nas situações de interação desses alunos, tentando a partir dessa comparação fazer com que os alunos compreendam a língua como um instrumento de interação social dinâmico e mutável, bem como suas regras. Seguindo esse raciocínio, concordamos com Furtado da Cunha & Tavares (2007) quando afirmam ser perceptível o hiato existente entre a língua apresentada nas gramáticas normativas e a língua que de fato utilizamos em nosso cotidiano, viva, dinâmica, mutável. Segundo as autoras, “a língua é determinada pelas situações de comunicação em que seus falantes reais interagem e, portanto, não pode se resumir à análise de sua forma”. (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p.14).

Ao analisarmos algumas atividades contidas no livro didático, referentes ao tempo futuro, e as amostras de textos produzidos pelos alunos, buscamos responder aos seguintes questionamentos: (a) como o livro didático apresenta a formação do tempo futuro em língua

portuguesa? (b) que fatores influenciam o uso da forma perifrástica na codificação do futuro nos textos produzidos pelos alunos? (c) que contribuições a proposta interventiva trouxe para a compreensão do uso das formas variantes para expressar ideia de futuro?

Diante dos estudos já desenvolvidos e das nossas observações em sala de aula, temos como hipótese que a “implementação” da forma perifrástica parece ocorrer gradativamente na modalidade escrita, influenciada por fatores discursivos, semânticos e pragmáticos.

Quanto ao processo de gramaticalização do verbo IR abordamos a questão da mudança estrutural, em que o verbo passa de principal a auxiliar, e semântica, em que migra da noção de espaço para a noção de tempo. No tocante à variação, procuramos abordar a modalidade escrita da língua no intuito de identificar os fatores que influenciam o uso da forma perifrástica nas produções textuais dos alunos.

Conforme os PCN (2001) o objetivo do ensino de língua portuguesa diante da concepção de linguagem como forma de interação, “é desenvolver a competência comunicativa do aluno, levando-o a adequar à língua as mais diferentes situações de interação comunicativa”. Desse modo, o desenvolvimento do processo comunicativo abrange aspectos que envolvam a fala e a escrita, pois a língua em uso viabiliza um vínculo com a competência comunicativa e não só com a competência linguística.

A linguística funcional corrobora com o preceito acima mencionado quando afirma que “o sistema linguístico deve ser descrito e explicado em contextos reais de uso”. Acreditamos que a proposta funcionalista possa trazer alguma contribuição ao ensino de gramática, seja na análise e/ou produção de textos, pois segundo Furtado da Cunha & Tavares (2007), a gramática só produz sentido em seu contexto real de uso, que é o texto. É a partir dele que os tópicos gramaticais devem ser analisados e compreendidos, visando à ampliação da competência comunicativa dos alunos, estimulando-os à pesquisa das regularidades do funcionamento da língua, em detrimento à mera conceituação e categorização normativas. Adotamos a abordagem funcionalista em nossa pesquisa por concordarmos com a teoria defendida por essa vertente linguística de que a linguagem é dinâmica, que assume funções as quais se adequam conforme a situação comunicativa.

É importante destacarmos que a discussão acerca do processo de gramaticalização do verbo IR como forma inovadora de expressar ideia de futuro não é inédita, visto que outros pesquisadores também se dedicaram a investigação desse fenômeno, como Gibbon (2000), que em sua dissertação de mestrado aborda a expressão do tempo futuro no português falado em Florianópolis, com base em dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), codificada pelas formas presente do indicativo e forma perifrástica, em que a

autora discute o processo de gramaticalização⁴ do verbo pleno IR a auxiliar de futuridade, constatando a ocorrência de uma possível mudança em progresso desse verbo.

Oliveira (2006), em sua tese de doutorado, analisa a expressão do futuro verbal na norma culta falada e escrita de Salvador e do Rio de Janeiro de estudantes de nível superior, e constata que parece ocorrer um processo de gramaticalização do verbo IR no sentido de expressar futuridade e que esse engloba fatores sociais, tais como idade, sexo/gênero, região, modalidade, década e tipo de texto ou situação.

Furtado da Cunha & Silva (2007), que no capítulo “*gramaticalização do verbo ir: implicações para o ensino*”, investigam a mudança de significado e de função do verbo com base em dados do *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998).

Tesch (2011), em sua tese de doutorado, estuda a variação entre as formas de expressar tempo futuro no uso capixaba, com base na análise do corpus PortVix (modalidade oral) e de amostras do jornal A Gazeta das décadas de 1930, 1970 e 2008 (modalidade escrita), verificando que há um uso distinto entre as modalidades estudadas.

Figueredo (2015), em sua dissertação, analisa redações de alunos do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos) de escolas públicas e particulares, com o objetivo de observar a presença do futuro perifrástico nessas produções. Os resultados analisados foram gerados pelo programa estatístico GoldVarb X, com base em fatores linguísticos e sociolinguísticos, atestando que o futuro perifrástico, geralmente utilizado na modalidade oral, também atua na modalidade escrita, influenciado por fatores, dentre os quais a autora destaca em sua pesquisa: tipo de escola, paradigma verbal, zona residencial, estatuto sintático do verbo, conjugação verbal, papel temático do sujeito, natureza semântica do verbo, tipo de sujeito e tipo de verbo.

A temática suscitada em nosso trabalho mostra-se relevante, uma vez que discute o uso da forma sintética de futuro e sua concorrente perifrástica, ambas utilizadas para expressarem ideia de futuro em textos produzidos pelos alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Antônio de Sousa Dias, Cajazeiras/PB e as situações de uso de cada forma. Além disso, propõe uma discussão sucinta de como o livro didático aborda a formação e uso do tempo futuro, com base na concepção de gramática adotada pelo livro e apresenta uma proposta interventiva, visando desenvolver um trabalho mais efetivo no processo ensino-aprendizagem

⁴O processo de gramaticalização refere-se as alterações fonéticas, morfossintáticas ou semânticas que as estruturas da língua podem sofrer, podendo alterar a gramática da língua. Cf. Givón (1995).

do tópico gramatical de nossa pesquisa, o uso da forma perifrástica para indicar tempo futuro, relacionando-a com as regras apresentadas pela gramática normativa no livro didático, de modo que os alunos compreendam que a utilização das diferentes formas de expressar ideia de futuro ocorre em situações comunicativas diferentes, conforme o nível de monitoramento do texto, e que não podemos desconsiderar o dinamismo da língua, e suas “estruturas linguísticas emergentes”, uma vez que novas formas e usos surgem a todo tempo, com o intuito de “dar conta de necessidades comunicativas e cognitivas do falante”, como parece acontecer com o uso do verbo IR+ infinitivo para indicar ideia de futuro.

O nosso interesse por essa linha de pesquisa justifica-se pelo fato das reflexões acerca do ensino de gramática serem sempre pertinentes e suscitarem discussões por parte de estudiosos da área constantemente, pois desde as décadas de 1970 e 1980 autores como Franchi (2005), Possenti (1996), Travaglia (2006), Neves (1994, 2003), Antunes (2003 e 2009), entre outros vêm apresentando contribuições para as reflexões sobre esse ensino.

Nas considerações finais de seu trabalho, Gibbon (2000) apresenta possíveis desdobramentos surgidos a partir de sua pesquisa, dentre os quais destacamos um que serviu-nos de motivação para o desenvolvimento de nosso trabalho. Segundo a autora é pertinente,

Verificar em que medida podemos evidenciar o fenômeno em estudo na escrita escolar, por exemplo, uma vez que a forma do futuro do presente ainda se encontra resistindo na escrita, conforme mostra o estudo de Santos(1997). Isso nos leva a pensar, também, em como os professores estão lidando com o surgimento da forma perifrástica nas redações de seus alunos. (GIBBON, 2000, p.119).

A reflexão da autora acerca de como os professores lidam com esse fenômeno em sala de aula suscitou o interesse em investigá-lo, pois, do ponto de vista profissional, consideramos importante e necessário trabalhar com a língua em uso, com vistas a desenvolver um ensino mais efetivo e reflexivo, de modo que os alunos desempenhem o papel de protagonistas de sua própria aprendizagem, capazes de utilizar a língua em diferentes situações comunicativas, ampliando, assim, sua competência linguística partindo da análise dos seus próprios textos.

No segundo capítulo, apresentamos o objeto de estudo de nossa pesquisa, o verbo IR no presente + verbo no infinitivo na construção do futuro perifrástico, e como esse verbo é tratado na visão de alguns gramáticos tradicionais: Said Ali (1966), Bechara (2005), Cunha &

Cintra (2001), Luft (2002), Almeida (2005), Rocha Lima (1976), bem como numa perspectiva mais linguística, no que diz respeito à perífrase, com base em Furtado da Cunha & Silva (2007), Neves (2006) e Travaglia (2014), entre outros estudos de cunho funcionalista.

No terceiro capítulo, abordamos os pressupostos teóricos que norteiam nossa pesquisa: o funcionalismo de vertente norte-americana, o processo de gramaticalização que tem início no estágio de variação, dialogando, sutilmente, com a Sociolinguística Variacionista, com base em Martelotta (2015) Furtado da Cunha & Tavares (2007), Neves (2003).

No quarto capítulo, apresentamos algumas concepções de língua e de gramática, bem como reflexões sobre seu papel no ensino de língua materna à luz dos PCN e de estudiosos como Travaglia (1997), Possenti (1996), Perini (1999), Antunes (2003), Bagno (1998 e 1999), Bakhtin (1997), Furtado da Cunha & Tavares (2007).

No quinto capítulo, expomos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, descrevendo o tipo de pesquisa, a natureza e método utilizado, a caracterização dos sujeitos participantes e o contexto em que se inserem, a estrutura do livro didático adotado em parte da análise, a seleção do *corpus* e as etapas de aplicação da atividade interventiva.

No último capítulo procedemos à análise dos dados com base na amostra dos textos produzidos pelos alunos no início de nossa proposta de intervenção, observando os contextos de uso da forma sintética e perífrástica para expressar ideia de futuro. Apresentamos também algumas considerações sobre o modo como o livro didático aborda a formação do tempo futuro em língua portuguesa.

Nas considerações finais, retomamos brevemente a temática de nossa dissertação, apresentando os resultados obtidos com a pesquisa, verificando de que modo a sequência didática desenvolvida pode contribuir com o processo ensino-aprendizagem dos alunos em relação às variantes usadas para indicar futuro, considerando o aspecto funcional da língua, seu caráter dinâmico e mutável que favorecem um ensino mais produtivo.

Reconhecemos que são muitas as dificuldades de aprendizagem que envolvem nossos alunos e que não podemos solucionar todas de uma só vez. Desse modo, buscamos através de nossa pesquisa refletir sobre o ensino de gramática e desenvolver atividades que contemplem a variação linguística presente nos textos dos alunos, de modo que eles percebam a adequação de uso da língua em diferentes situações de comunicação. Esperamos que nosso trabalho possa subsidiar futuras pesquisas que também contribuam para o ensino de língua portuguesa, em particular para o ensino de gramática numa perspectiva funcional.

2 APRESENTAÇÃO DO FENÔMENO

Nesse capítulo apresentamos as diversas maneiras de indicar ideia de futuro, destacando a forma sintética e sua concorrente perifrástica IR + verbo no infinitivo, observando como essa última é tratada na visão de alguns gramáticos como Said Ali (1966), Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (1976), Luft (2002), Bechara (2004), Almeida (2005), bem como do ponto de vista linguístico, tendo como base Furtado da Cunha (2007), Neves (2011), entre outras pesquisas de cunho funcionalista desenvolvidas sobre as formas de expressar futuro.

2.1 As formas de futuro em língua portuguesa

A ideia de tempo futuro enquanto categoria linguística, em língua portuguesa, pode ser expressa de formas diversas, tais como: a) futuro simples (farei a prova amanhã.); b) futuro perifrástico com ir + infinitivo (vou fazer a prova amanhã; ou irei fazer a prova amanhã.); c) futuro perifrástico com haver + infinitivo (hei de fazer a prova amanhã; ou haverei de fazer a prova amanhã.); d) presente do indicativo (faço a prova amanhã.). Destacamos em nossa pesquisa o uso da forma sintética (futuro simples) e da perifrástica IR no presente + verbo no infinitivo. A primeira, é a normalmente apresentada pela gramática normativa, considerada como forma padrão, é geralmente usada em contextos mais formais, seja na oralidade ou na escrita e caracteriza-se por um único verbo ao qual são acrescentados morfemas de número, pessoa, tempo e modo, por exemplo, em *estudarei, terão, descerá*.

A forma perifrástica, geralmente, é utilizada em contextos de oralidade e é formada pelo verbo IR no presente ou no futuro do indicativo seguido de outro verbo na forma de infinitivo, por exemplo, em *vou estudar, vão estudar, irá estudar*.

Esse fenômeno variável tanto na oralidade quanto na escrita ocorre ao longo da história da língua portuguesa, pois no latim vulgar já havia essa dupla possibilidade para representar a ideia de futuro, em que tínhamos a forma sintética “*amabo*” e sua correspondente perifrástica “*amare habeo*”. A forma ***amarei***, hoje presente em nossa língua, por exemplo, é resultado da fusão da forma analítica que ocorreu através da repetição do uso, confirmando-se, assim, o pressuposto de que “as regras linguísticas se fixam e entram para a gramática a partir do seu uso frequente e regular”. (Cf. GIBBON, 2000).

É o que parece ocorrer com o verbo IR que indica ideia de movimento espacial quando utilizado como verbo pleno, mas muda de função e sentido ao acompanhar outro verbo no infinitivo impessoal, desempenhando a função de marcador de tempo futuro, assumindo um caráter de verbo auxiliar.

A variação na forma de expressar ideia de futuro (verbo IR + verbo no infinitivo) ocorre, também, em outras línguas como, por exemplo, em inglês (I am going to sleep), em francês (Je vais dormir) e em espanhol (Yo voy a dormir), (cf. OLIVEIRA, 2012).

O tempo futuro expressa “a expectativa de algum ato a ser verificado mais tarde”, já o tempo do verbo expressa a ocasião em que ocorre o fato, considerando-se o momento em que se dá o processo de comunicação (presente, passado ou futuro). Segundo Câmara Jr. (1957) *apud* Oliveira (2006, p. 23) “a categoria de futuro não ocorre pela necessidade de expressão temporal; concretizam-se certas necessidades modais, de sorte que o futuro começa como modo muito mais do que como tempo”.

A forma perifrástica é considerada uma variante para expressar tempo futuro. Tomando como base o aspecto dinâmico e maleável da língua, podemos dizer que esta apresenta formas diversas para uma mesma referência, tornando-se, assim, heterogênea por natureza.

O fenômeno da variação⁵ é apresentado como objeto de estudo da Sociolinguística que considera os aspectos dos sistemas linguístico e social, e compreende tal variação como “um princípio geral e universal em todas as línguas” que pode ser descrita e analisada. O foco, nesse caso, está no estudo da regularidade dessa variação, que é sistemática e regida por um conjunto de regras, de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos.

Labov (1997, p. 02), usa o termo significado referencial, ou significado representacional ou “estado de coisas” e afirma que “dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade”. Considerando as ideias do autor, podemos dizer que a forma perifrástica e o futuro sintético apresentam o mesmo valor referencial: o tempo futuro, pois quando há formas linguísticas em variação, podemos ter formas em coocorrência, nesse caso, duas formas são usadas ao mesmo tempo para dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, e em concorrência, quando uma forma concorre com a outra no mesmo contexto.

⁵A variação consiste nas diversas alterações que a língua pode sofrer através de seus falantes. É considerada como fenômeno que ocorre na língua e abrange aspectos sociais, regionais e históricos.

2.2 O verbo IR na perspectiva da gramática tradicional

Apesar dos estudos realizados indicarem o uso da forma perifrástica na oralidade, bem como seu espalhamento na modalidade escrita para expressar ideia de futuro, observamos que a maioria das gramáticas normativas e livros didáticos de língua portuguesa registra apenas a forma conservadora (futuro simples), como a única forma de expressar ideia de futuro, eleita como a norma padrão de uso. A esse respeito, Oliveira (2006, p.21), afirma que

Quando muito, alguns mencionam o uso do presente do indicativo com valor de futuro para anunciar um acontecimento próximo, como é o caso de Almeida (1992:228), embora utilize em seu próprio texto a forma perifrástica com o verbo *ir* no futuro + infinitivo, como na página 230: “[...] ação que irá realizar-se [...]”.

Oliveira (2006) observa bem que o autor não menciona o uso a forma perifrástica como uma possibilidade de expressar ideia de futuro, apesar de em seu próprio texto fazer uso desta para falar sobre o tempo futuro, priorizando a língua ideal, formal, desconsiderando, assim, o uso real da língua.

Nas gramáticas tradicionais, observa-se alguma referência ao uso da forma perifrástica ao analisarmos os itens referentes à auxiliaridade dos verbos ou à locução verbal. Said Ali (1966, p.69) define como auxiliar o verbo que “se combina com as formas infinitas [particípio, gerúndio e infinitivo] de outros verbos para constituir conjugação composta”. O autor classifica como auxiliares “mais comuns” os verbos **ser**, **estar**, **ter** e **haver**, porém considera a combinação do verbo IR + infinitivo para designar “locomoção, desejo de realizar algo ou um fato que não tardará a realizar-se”, como em “*vou tomar o trem*”, “*vai chover d’aqui a pouco*”. Observa-se também que o autor não distingue tempo composto de construção perifrástica quando refere-se à combinação do verbo auxiliar + verbo principal.

Cunha & Cintra (2001, p. 395), denominam de locução verbal “o conjunto formado por verbo auxiliar mais verbo principal” e apresentam também os verbos **ser**, **estar**, **ter** e **haver** como os de maior frequência para formar a locução verbal, porém, mais adiante, fazem a seguinte observação quanto ao verbo IR:

Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir*; *vir*; *andar*; *ficar*; *acabar* e mais alguns que se ligam ao INFINITIVO do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos de desenvolvimento da ação. Assim:

Ir emprega-se:

.....
b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada num futuro próximo:

Vou procurar um médico.

O navio **vai partir**.(CUNHA & CINTRA, 2001, p.397).

Os autores mencionam o verbo IR como possibilidade de expressar futuridade, dentre as gramáticas normativas observadas, apenas eles reconhecem a forma perifrástica como forma de futuro na modalidade oral,

Na língua falada, o futuro simples é de uso relativamente raro. Preferimos, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:

.....
c) presente do indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, para indicar ação futura imediata:

Vamos entrar no mar.

O gerente foi demitido e o Costa **vai substituí-lo**.(CUNHA & CINTRA, 2001, p.460-461).

De acordo com Bechara (2004, p.230), a locução verbal é a combinação “das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal”, e também apresenta os verbos **ser**, **estar**, **ter** e **haver** como os auxiliares mais comuns. Quanto ao verbo IR, cita-o como auxiliar modal, que junto com as formas de infinitivo ou gerúndio do verbo principal determina “com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa realizar a ação verbal”. No caso do verbo IR, a ação expressa é de “movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): ir escrever, etc.” (BECHARA, 2004, p.232).

Rocha Lima (1976, p. 118), menciona o verbo *ir* como auxiliar, porém só em construções com o gerúndio, como, por exemplo, em “à tarde ia morrendo”, não sendo mencionada a possibilidade de expressar futuro com a forma perifrástica IR + infinitivo.

Almeida (2005, p. 314), também apresenta o verbo *ir* como auxiliar, porém seguido do verbo no gerúndio para “exprimir começo ou desenvolvimento gradual da ação”, como em “o trem vai saindo” e, assim como os demais gramáticos, destaca os verbos **ser**, **estar**, **ter** e **haver** como os auxiliares mais comuns.

Luft (2002, p. 181), observa que “as locuções verbais têm sido chamadas também perífrases verbais, conjunções ou locuções perifrásticas”, entretanto não aborda o uso do tempo de futuro. Segundo o autor, não há tempo futuro, apenas presente e passado. Em seguida, dá uma explicação para seu posicionamento,

Os chamados ‘futuros’ são locuções de infinitivo + haver mascaradas: *cantar hei*, *cantar hia*, com aglutinação na pronúncia (1º acento tônico absorvido pelo segundo), representada na escrita: *cantarei*, *cantaria*. A semântica de ‘decisão, projeto (*irei*), hipótese (*onde está Fulano?*), etc.’ é ‘modo’ (e não ‘tempo’), próprio de *haver* – auxiliar ‘modal’; tempo, só na implicação secundária de que planos, decisões, etc. se projetam no futuro.

Os termos da NGB – *futuro do presente/futuro do pretérito* – permitem, pois, esta paráfrase: o ‘futuro’ está na semântica de projeto, decisão, etc. e presente/ pretérito (imperfeito) são os do verbo *haver* aí camuflado: *hei/havia* = *hia*. (LUFT, 2002, p.175).

Nas gramáticas observadas, verificamos que são adotados diferentes termos para se referir a construção **verbo auxiliar + verbo principal**, uns adotam a nomenclatura **construção perifrástica**, outros a de **tempo composto**, e, por vezes, os dois termos são chamados apenas de locução verbal.

No tocante as gramáticas tradicionais estudadas, verificamos que não há uma apresentação formal das variantes para expressar ideia de futuro que, como já mencionado, apresentam, na sua maioria, a forma sintética como a “única” maneira de expressar futuridade.

2.3 O verbo IR numa abordagem linguística

O funcionalismo linguístico considera a língua um instrumento comunicativo e discursivo, sendo assim, “temos a noção de tempo como uma categoria linguística e suas relações com o tempo cronológico uma função da comunicação e do discurso”. (OLIVEIRA, 2012). Desse modo observamos que a ideia de expressar futuro em língua portuguesa pode ocorrer através da forma sintética ou das formas perifrásticas.

Destacamos, em nossa pesquisa, a forma perifrástica formada pelo verbo IR no presente + forma infinitiva do verbo, que vem passando por um processo de gramaticalização, encontrando-se quase concluído na oralidade, em alguns dialetos, como apontam alguns trabalhos desenvolvidos mais recentes na área como Gibbon (2000), Furtado da Cunha & Silva, Oliveira (2006), Tesch (2011), Figueiredo (2015), entre outros.

Os verbos de movimento, normalmente apresentam aspecto polissêmico, assumindo ora a noção de movimento, ora de tempo. Segundo Furtado da Cunha & Tavares (2007), o verbo IR inclui-se nessa lista, sendo considerado um dos mais “gramaticalizáveis”, pois assume a função de auxiliar na formação do futuro perifrástico, e de verbo pleno, quando indica movimento. Esse processo ocorre a partir de um item lexical que passa por mudanças até chegar a um item gramatical. Segundo as autoras,

A expressão do tempo futuro em português, em especial na modalidade oral, se dá, predominantemente, através da forma analítica representada pela locução verbal composta do verbo auxiliar *ir* no presente do indicativo mais o verbo principal na forma nominal do infinitivo impessoal. (FURTADO DA CUNHA & SILVA, 2007, p. 55).

A afirmação das autoras baseia-se nos exemplos do *Corpus Discurso & Gramática* analisados por elas. Observamos que elas reconhecem a forma perifrástica como uma variante, ainda que “em especial na modalidade oral”, para expressar ideia de futuro e ressaltam que o uso do verbo *ir* como verbo auxiliar não é novidade na língua.

As autoras citam Câmara Jr (1985, p.169) e afirmam que conforme o autor “esse uso já acontecia no latim vulgar”, assim reforçam que,

Segundo o autor, a perífrase formada por *ir* mais o infinitivo pode ter valor aspectual e um valor modal. Com valor aspectual, *ir* exprime um fato que ainda ocorrerá como em: *vou sair*. Com valor modal, o uso da perífrase com o indicativo presente de *ir* assinala a intenção de fazer alguma coisa, como em: “Ele *vai chegar* às duas horas”. (FURTADO DA CUNHA & SILVA, 2007, p.56).

Travaglia (2014), adota o termo perífrase para referir-se a locução verbal e nas considerações iniciais do capítulo **Expressão do aspecto pelas perífrases verbais**, ressalta que,

Inicialmente é preciso esclarecer que estaremos chamando de perífrase qualquer aglomerado verbal em que tenhamos um verbo (denominado auxiliar) ao lado de outro verbo em uma das formas nominais (denominado principal), e com uma função determinada de marcar uma categoria gramatical ou uma noção semântica qualquer. Não vamos discutir aqui o conceito de auxiliaridade. Primeiro porque foge a nossos objetivos, e, segundo, porque se temos ou não auxiliares reais isso não afeta grandemente o problema da expressão do aspecto. Sobre a questão da auxiliaridade consultem-se os trabalhos de Lobato (1975) e Pontes (1973). (TRAVAGLIA, 2014, p. 181).

O autor apresenta algumas das funções que as perífrases podem ter, dentre elas destaca a marcação de tempo “como é o caso de IR + INFINITO que indica futuro” e apresenta os exemplos: “**Vamos atravessar** o rio a nado”. “Os cavalos **vão partir** dentro de instantes”.

Pontes (1973) *apud* Furtado da Cunha & Silva (2007, p.58), também reconhece o caráter auxiliar do verbo *ir* na formação da perífrase.

As autoras destacam que segundo Pontes,

[...] existe uma restrição de seleção do sujeito quando ele é empregado com sentido de futuridade ou quando significa deslocamento espacial. Dessa forma, combinado com nomes abstratos, *ir* não tem sentido de deslocamento, apenas o de futuridade. Com sujeitos humanos, entretanto, ambas as interpretações são possíveis, como se pode observar nas seguintes orações: “A sinceridade *vai assustar* o menino”. João *vai comprar* flores”. (FURTADO DA CUNHA & SILVA, 2007, p.58).

Neves (2006, p. 65), define verbos auxiliares como “operadores das categorias gramaticais de tempo, aspecto e voz, que se combinam com um verbo de sentido pleno, formando uma unidade que do ponto de vista sintático, equivale a um verbo simples”. A autora denomina de **tempo composto** a junção do verbo auxiliar com o verbo principal. Dentre os verbos auxiliares, ela cita IR+ infinitivo como uma possibilidade de indicar futuro, como em “Quando eu crescer *vou comprar* um carro bonito como o de seu Manuel Valadares”.

Gibbon (2000), em sua dissertação, analisa a expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis, tendo como pressupostos a teoria da variação e o princípio da gramaticalização. A autora reconhece a forma perifrástica como possibilidade de indicar futuro ao afirmar que,

A entrada do verbo IR como auxiliar para expressar o futuro vem encontrando resposta positiva entre os falantes, o que nos leva a tratar o fenômeno como processo de gramaticalização do verbo IR em auxiliar de futuro. Por outro lado, as formas no futuro do presente estão em crescente desuso na língua falada, o que pode evidenciar a ocorrência da mudança lingüística. Os resultados finais apontam nessa direção. (GIBBON, 2000, p.11).

A autora constata em sua pesquisa um processo de mudança em progresso, em que a variável faixa etária apresenta-se como item relevante, pois os mais jovens tendem a usar a forma perifrástica, enquanto os mais velhos utilizam com mais frequência a forma sintética, como podemos constatar na afirmativa:

A nossa hipótese fica confirmada. Os falantes mais jovens favorecem o uso da forma inovadora (forma perifrástica), enquanto os mais velhos tendem à utilização do presente do indicativo. Os 10 (dez) dados do futuro do presente ficam também distribuídos de forma a confirmar a hipótese. Os falantes mais velhos fizeram uso de 7 (sete) dos 10 (dez) dados dessa forma. Dos restantes, 2 (dois) deles ficaram com os indivíduos de meia idade e apenas 1 (um) dado entre os jovens. É possível, pois, dizer que no fenômeno em estudo estamos lidando com indícios de mudança, já que jovens usam mais a forma inovadora.
(GIBBON, 2000, p.106)

Ainda segundo a autora, a forma perifrástica não indica apenas finalidade, mas também modalidade, uma vez que a forma analítica vincula-se ao traço mais modal, denotando, assim, intenção, desejo ou certeza (cf. GIBBON, 2000).

Oliveira (2006), em sua tese de doutorado, analisa a expressão do futuro na norma culta da língua portuguesa a partir de dados do século XIII ao XX e constata que o futuro sintético é a variante mais utilizada ao longo dos séculos, levando-se em consideração a língua escrita formal. Conforme afirma a autora,

O exame da língua falada em comparação com a língua escrita no século XX, apresentado na seção seguinte, revela que esse fato não é válido para a modalidade oral, mesmo formal. Pode-se, então, levantar a hipótese de que a escrita selecionaria o futuro simples, ao passo que a fala selecionaria o futuro perifrástico com *ir* + infinitivo, o que corrobora o fato de que a mudança acontece primeiro na fala e só mais tardiamente atinge a língua escrita.
(OLIVEIRA, 2006, p.103).

Tesch (2011), em sua tese de doutorado, analisa a variação do futuro verbal na modalidade oral (dados do corpus PortVix⁶) e na modalidade escrita (dados do jornal A Gazeta dos anos de 1930, 1970 e 2008). No tocante ao período de 1930, a análise dos dados demonstrou que havia uma preferência pelo uso do futuro simples. No entanto, a autora nos diz que,

⁶PortVix consiste em um projeto de orientação variacionista que trata do português falado na cidade de Vitória – ES.

Nesse período, o verbo *ir* já era utilizado em construções perifrásticas para indicar futuro. Embora contabilize apenas 6.9% de *ir* no presente + verbo no infinitivo e 1% de *ir* no futuro + verbo no infinitivo dos dados analisados, pudemos comprovar que nessa época o verbo *ir* + infinitivo já passava por um processo de gramaticalização, sendo registrado, inclusive, na modalidade escrita. (TESCH, 2011, p. 127–128).

Os dados referentes à década de 1970, na modalidade escrita, apontam a preferência pela forma conservadora. Quanto à perífrase, a autora verificou alguns fatores linguísticos que favoreciam seu uso.

Verbos de 3ª e 1ª conjugação; verbos não relacionais e existenciais, como os verbos comportamentais, mentais e materiais que, em conjunto apresentam um sujeito agente ou experienciador; e, em relação à projeção de futuridade, indiquem um futuro indefinido. (...) a expressão do verbo no infinitivo influencia na escolha da forma perifrástica, tendo em vista que a perífrase é favorecida em verbos com um maior número de sílabas. O fato de o verbo ser ou não modal também se mostrou importante, uma vez que verbos modais inibem o uso das formas perifrásticas com *ir* com o possível objetivo de evitar várias marcas modais, já que a própria perífrase carrega em si uma noção modal. (TESCH, 2011, p. 138-139).

Nos dados referentes ao ano de 2008, a autora verifica que o futuro sintético ainda é a forma mais utilizada na modalidade escrita, porém seu uso tende a diminuir. Segundo Tesch (2011, p.141), “de 1970 a 2008 as mudanças foram mais acentuadas, pois há menos ocorrências de futuro simples e maior uso de *ir* no presente + verbo no infinitivo, embora a forma privilegiada continue sendo o futuro simples”.

Figuereido (2015), em sua dissertação de mestrado, analisa redações de alunos do Ensino Médio de escolas públicas e particulares, com o objetivo de observar a presença do futuro perifrástico no ambiente escolar. Os dados da pesquisa são analisados com base em fatores linguísticos e extralinguísticos, e atestam que o futuro perifrástico, geralmente utilizado na modalidade oral, também atua na modalidade escrita e que fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam nessa variação, tais como: tipo de escola, paradigma verbal, zona residencial, estatuto sintático do verbo, conjugação verbal, papel temático do sujeito, natureza semântica do verbo, tipo de sujeito e tipo de verbo. Quanto ao uso da forma perifrástica nas produções textuais, a autora afirma que,

Observamos que na escrita escolar a perífrase não chega a ser totalmente desfavorecida. Mesmo os professores monitorando a escrita das produções, incentivando o uso da forma sintética de futuro, considerada a padrão, os discentes utilizam consideravelmente a forma perifrástica. (FIGUEREIDO, 2015, p.119).

Como podemos observar nas discussões apresentadas acima, as pesquisas mais recentes sobre a variação na forma de expressar futuro revelam que há um processo de mudança em curso em que a forma perifrástica começa a substituir a sintética através do processo de gramaticalização na modalidade escrita, em diversos contextos, entre eles o ambiente escolar.

3 ABORDAGEM LINGUÍSTICA E SUAS VERTENTES

Nesse capítulo, tratamos das questões relativas ao funcionalismo linguístico de vertente norte-americana que serve como base teórica de nossa pesquisa, bem como abordamos o fenômeno da mudança linguística e da variação presentes na evolução das línguas, entre elas, a língua portuguesa no Brasil.

3.1 Considerações sobre a ciência Linguística

A Linguística pode ser considerada como a ciência que estuda as manifestações da linguagem humana, e tem como objeto de estudo a língua, que para Saussure, é composta de um lado individual e um lado social que se interligam, sendo difícil conceber um sem o outro.

O desenvolvimento da Linguística possibilitou a compreensão do funcionamento da linguagem e a formação e evolução das línguas faladas, tendo como base para as pesquisas e teorias linguísticas que surgiam com o propósito de estudar na linguagem a tríade: língua, linguagem, fala. Nesse percurso dos estudos linguísticos, surgem várias correntes teóricas entre elas o estruturalismo, o gerativismo e o funcionalismo.

A Linguística estrutural tem como marco a publicação do *Cours de linguistique générale* de Saussure, em 1916. Nessa corrente linguística, predominam a análise e definições de elementos isolados, as chamadas dicotomias **língua / fala; arbitrariedade / linearidade; significante/significado; sincronia/diacronia; sintagma/paradigma**. O estudo da língua limita-se ao aspecto estrutural, chegando apenas a análises dos aspectos morfológico, fonológico e sintático da língua. Esse método serviu como modelo para a elaboração de uma gramática de definições exatas, em que o ensino de língua passou a ser orientado por normas que se transformaram no conteúdo de ensino, criando-se, assim, o conceito de língua correta, padrão X língua incorreta, não padrão.

Essa metodologia de trabalho em que predomina a análise de frases soltas, descontextualizadas mostra-se falha no que diz respeito ao ensino de língua portuguesa, já que o aluno tem um papel de sujeito passivo no processo de aprendizagem da chamada “norma padrão”, incapaz de interagir nas diversas situações comunicativas. Não se trata de abandonar o ensino da norma padrão, mas de repensar o modo como ela é trabalhada, uma vez que:

É direito do educando a preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana, popular ou elitista. A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação da fala.
(BORTONI-RICARDO, 2005, p.26)

É nesse momento de discussão que surge entre as diversas correntes teóricas o funcionalismo, base teórica de nossa pesquisa, que passa a desempenhar importante papel no que concerne ao ensino de língua, pois além de considerar o aspecto mutável e dinâmico da língua, pode servir como norte para o educador que busca aperfeiçoar sua prática em sala de aula.

É necessário ressaltar que a Linguística considera todas as formas de linguagem, não elege apenas uma variedade da língua para centralizar seu estudo. Segundo Furtado da Cunha, (2015, p. 20),

A linguística considera, pois, que nenhuma língua é intrinsecamente melhor ou pior do que outra, uma vez que sistema linguístico é capaz de expressar adequadamente a cultura do povo que a fala. Desse modo, uma língua indígena, por exemplo, não é inferior a línguas de povos considerados “mais desenvolvidos”, como o português, o inglês ou o francês.

Desse modo, podemos dizer que a Linguística “acomoda todas as formas de linguagem”, reforçando que é na prática dos falantes que se encontram as inovações linguísticas que ao serem aceitas pelos outros falantes convencionam-se e incorporam-se a evolução da língua. Assim, dizemos que “a linguística está longe de ser uma disciplina homogênea; ao contrário, é um vasto território com muitas noções e orientações teóricas em competição” (FURTADO DA CUNHA, 2015, p. 26).

3.2 O funcionalismo norte-americano

As primeiras análises de cunho funcionalista são atribuídas aos membros da Escola de Praga, que teve origem no Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 por Vilém Mathesius. Esse grupo de linguistas era contrário à distinção da dicotomia saussuriana sincronia/diacronia, e a noção de homogeneidade do sistema linguístico, sendo eles os responsáveis pelo uso dos termos função/funcional, pelo estabelecimento dos fundamentos

teóricos básicos do funcionalismo e pelas análises que consideram os parâmetros pragmáticos e discursivos (Cf. FURTADO DA CUNHA, 2015).

A linguística funcional apresenta duas linhas de investigação, a norte-americana e a sistêmico-funcional, que têm em comum o entendimento social, comunicacional e interativo no que diz respeito à língua/linguagem. Por questões de delimitação teórica, apresentamos em nosso trabalho, algumas considerações acerca da linguística funcional de vertente norte-americana por ser a mesma parte do suporte teórico de nossa pesquisa.

De acordo com Furtado da Cunha (2015) a linguística funcional de vertente norte-americana surgiu a partir da década de 1970, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, com uma proposta acerca da análise da língua que parte do contexto linguístico e da situação extralinguística. Essa vertente linguística baseia-se nos postulados de Givón, Hopper, Thompson e Chafe, tendo como principais representantes, no Brasil, Martelotta, Furtado da Cunha & Tavares, Cezario & Furtado da Cunha, dentre outros.

A linguística funcional considera os propósitos inerentes ao emprego da linguagem, definindo-a como “instrumento de comunicação e interação social”, apoiada na relação entre linguagem e sociedade, e tem como objeto de estudo o uso da língua em situação comunicativa, baseando-se na concepção de que a língua não é totalmente independente de seus fatores externos, uma vez que a gramática de uma língua é dinâmica e flexível. Sendo assim, a descrição linguística deve considerar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos de uso.

O funcionalismo tende a analisar a situação comunicativa como um todo, considerando o propósito da fala, seus participantes e o contexto do discurso, por isso essa abordagem acredita que as estruturas linguísticas devem ser fundamentadas nas situações reais de uso e que essas estruturas não são objetos funcionais arbitrários, tendo propriedades determinadas pelo contexto pragmático dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas.

No tocante a sala de aula, a abordagem funcionalista considera as questões gramaticais do ponto de vista da interação, levando em conta a diversidade linguística existente no ambiente escolar, sendo essa uma das principais contribuições da corrente funcionalista para o ensino de língua materna, pois como propõe os PCN, as questões linguísticas devem ser trabalhadas em sala de aula com vistas a atender aos propósitos pragmáticos e comunicativos do aluno, de modo que eles aprimorem sua capacidade comunicativa em contextos orais e escritos.

Segundo Furtado da Cunha & Tavares (2007), a linguística funcional apresenta princípios centrais (marcação, iconicidade e gramaticalização) e categorias (prototipicidade, transitividade e plano discursivo). Tendo em vista nossa delimitação teórica, deteremo-nos a algumas considerações sobre o princípio de gramaticalização, por ser um dos pressupostos teóricos que norteia nossa pesquisa.

3.3 O princípio da Gramaticalização

Meillet (1912), discípulo de Saussure, é considerado como o primeiro linguista a empregar o termo “gramaticalização”, em seu artigo intitulado *L' évolution des formes grammaticales*, no qual o define como a atribuição de um status gramatical a uma palavra anteriormente autônoma, considerando o aspecto diacrônico da língua. A contribuição do linguista está no fato de, além de utilizar o termo, também apresentar a importância dos estudos sobre gramaticalização para as ciências da linguagem. O linguista defendia, por exemplo, a ideia de *continuum*, ao falar da transição de itens lexicais para auxiliares, (Cf. ROSÁRIO, 2010).

O autor também dedicou-se aos estudos histórico-comparativos das línguas indo-europeias, bem como ao estudo dos aspectos históricos e social da linguagem, foi um dos primeiros linguistas a caracterizar a língua como um fato social, considerando-a como uma “criação e recriação coletiva”, em que cada indivíduo pode ser um agente de mudança e/ou de manutenção dos usos linguísticos, por isso suas ideias tiveram influência direta e indireta sob muitos linguistas durante algumas décadas do século XX.

Segundo Furtado da Cunha & Tavares (2007, p.23), o processo de gramaticalização diz respeito “a mudança de um item lexical em um elemento gramatical ou de uma estratégia discursiva em uma estrutura sintática”, que emerge ao longo do tempo a partir de estruturas já existentes na língua, portanto está relacionado aos fenômenos de variação e mudança linguística. Conforme as autoras,

O paradigma de gramaticalização busca, então, descrever e explicar, concomitantemente, um tipo especial de variação mudança lingüística e a manutenção das formas que estão em processo de mudança. Em outras palavras, em um dado domínio funcional, novos usos estão em constante processo de emergência. Isto não implica, necessariamente, a substituição dos usos mais antigos, os quais podem ainda permanecer na língua e interagir com os mais novos. (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 25)

O uso da forma sintética e sua concorrente perifrástica, **ir** no presente + verbo no infinitivo, para expressarem ideia de futuro é um exemplo de gramaticalização, pois ambas as formas são registradas em língua portuguesa, sendo a primeira considerada como forma canônica e a segunda como forma inovadora.

Nas palavras de Furtado da Cunha & Tavares (2007, p.25), “a gramaticalização passa a ser entendida como um processo diacrônico e um *continuum* sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática”.

Hopper (1991), propõe cinco princípios de gramaticalização, assim apresentados por Gibbon (2000, p. 30):

- 1) **Estratificação:** no domínio funcional, novas camadas estão emergindo continuamente. As camadas velhas, entretanto, não são descartadas e podem coexistir e interagir com as novas camadas. Assim, acontece a coexistência de formas com função similar que podem ser ou não estáveis. É o caso, no português do presente e da forma perifrástica.
- 2) **Divergência:** quando uma forma lexical se gramaticaliza, por exemplo, um auxiliar, um clítico ou afixo, a forma que lhe deu origem pode permanecer como um elemento lexical autônomo e sofrer as mesmas mudanças que sofre qualquer forma lexical. Isso resulta em múltiplas formas tendo em comum a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente. O verbo IR mantém seu estatuto de verbo pleno em *Vou para o Rio Grande na sexta-feira* e aparece também como auxiliar na forma perifrástica: *Vou terminar o texto na sexta-feira*. A divergência é um tipo de estratificação, pois implica na coexistência de formas.
- 3) **Especialização:** dentro do domínio funcional é possível existir várias formas com diferenças semânticas sutis. No momento da gramaticalização, essa variedade de formas diminui e aquelas formas selecionadas adquirem significados gramaticais mais gerais. Uma forma, então, pode tornar-se obrigatória, já que possibilidade de escolha diminui. Nesse trabalho, pretendemos mostrar alguma especialização da forma perifrástica. Nossa hipótese é de que ela entra na língua para expressar maior modalidade.
- 4) **Persistência:** ao sofrer a gramaticalização de uma forma lexical para uma forma gramatical, um item tende a manter traços de seus significados lexicais originais e parte da sua história lexical pode aparecer nas restrições sobre sua distribuição gramatical, ou seja, acontece a permanência de vestígios do significado lexical refletido no comportamento gramatical da forma. Especula-se que o verbo IR, nesse caso, mantém seu traço aspectual que expressa o curso de fatos a partir de um ponto locativo ou temporal qualquer.
- 5) **Descategorização:** quando ocorre a gramaticalização de uma forma, esta tende a perder ou neutralizar marcas morfológicas e sintáticas que são próprias das categorias plenas (nome e verbo) e assumem características de categorias secundárias como adjetivo, particípio, etc.[...]. O verbo IR está assumindo uma posição de auxiliar na forma perifrástica. Entretanto, em muitos locais, como parece ser o caso de Florianópolis, a sentença *Vou ir para o Rio Grande* sofre preconceito linguístico.

O uso da forma perifrástica *ir* + infinitivo e a forma sintética (futuro simples) para expressarem ideia de futuro exemplifica perfeitamente os dois princípios de Hopper. Martelotta (2015), usa como exemplo as formas **falarei** e **vou falar** para explicar os dois princípios. Segundo o autor,

As formas *falarei* e *vou falar*, por serem possibilidades disponíveis para a expressão de futuro que coexistem na língua, constituem *camadas*. Entretanto, quando observamos a relação entre essas formas e as construções que as originaram, estamos focalizando um fenômeno relacionado à *divergência*. O morfema de futuro em *falarei* é proveniente da forma verbal *hei* (*falar* + *hei*), e a construção *vou falar*, na qual o verbo *ir* é empregado como auxiliar indicando ideia de futuro, resulta de um processo, generalizado na língua portuguesa, que implica uma extensão do uso original, em que o verbo *ir* expressa movimento no espaço. (MARTELOTTA, 2015, p. 50).

A afirmação acima nos permite compreender que as mudanças ocorrem em todos os tempos e lugares e de forma unidirecional, caminhando do discurso para a gramática. Desse modo, “os elementos, com o processo de gramaticalização, predomina a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada do discurso e tornam-se mais fixos e mais regulares”, (MARTELOTTA, 2015, p. 51).

Bybee *et al.* (1991), em seus estudos sobre o tempo futuro, apresenta duas hipóteses para a gramaticalização desse tempo: (I) o desenvolvimento do futuro em todas as línguas a partir de um pequeno grupo de fontes lexicais, em que os morfemas de futuro passam por estágios de desenvolvimento similares e (II) que a mudança semântica na gramaticalização é acompanhada de redução da forma pela qual o morfema perde a sua independência e pode fundir-se com o material adjacente, (cf. GIBBON, 2000).

Em nossa pesquisa, ambas as hipóteses têm relevância, sobretudo a primeira, já que a gramaticalização do verbo IR como auxiliar de futuro mostra-se, como atestam estudos citados anteriormente, um processo praticamente finalizado na oralidade, que vem se concretizando também na escrita.

A respeito das ideias de Heine (1992), Gibbon (2000, p. 54), afirma que, “dado o contexto adequado, os itens que estão sofrendo gramaticalização podem adquirir novas propriedades semânticas, as quais estão contidas na sua fonte lexical, isto é, o fator pragmático do contexto tem um importante papel na gramaticalização”. Desse modo, o

sentido de movimento do verbo IR transforma-se em uma função gramatical quando utilizado como verbo auxiliar.

3.4 Mudança linguística e gramaticalização

Os estudos sobre o fenômeno da mudança linguística surgem em meados do século XIX e coincidem com o surgimento da Linguística. A visão universalista da gramática grega perde espaço para a gramática histórico-comparativa que propunha a comparação de elementos gramaticais de línguas que tinham a mesma origem no intuito de detectar a estrutura da língua original, da qual as demais se desenvolveram. Os comparatistas mantiveram contato com uma quantidade considerável de línguas e constataram com isso que as línguas naturais são mutáveis. Para esses cientistas, ao invés da análise filosófica, a histórica parecia mais adequada ao se trabalhar com a descrição da língua.

Schleicher, um dos representantes da primeira geração comparatista, foi o responsável por colocar a Linguística no campo das ciências da natureza. Ele acreditava que as línguas em seu processo de mudança passavam por um ciclo natural como ocorria na teoria da evolução de Darwin. Segundo Martelotta (2011, p. 32), para esses linguistas do século XIX, “as línguas se caracterizam por um ciclo de vida: nascem, sofrem um progressivo desenvolvimento de um estado primitivo até atingirem a plenitude, declinam e finalmente morrem”.

Os linguistas neogramáticos, por sua vez, não concordavam com a visão de mudança defendida por Schleicher. Brugmann, um dos maiores representantes dos neogramáticos, defendia o “princípio do uniformitarismo”, segundo o qual, “não há evolução para melhor ou decrepitude nas línguas, mas mudanças que seguem tendências gerais, perceptíveis em todos os momentos da evolução histórica das línguas”. (MARTELOTTA, 2011, p. 32).

A partir da segunda metade do século XIX, a proposta de mudança defendida pelos neogramáticos passa a dar atenção ao fato de que as mudanças estão relacionadas aos hábitos linguísticos individuais, aliando o estudo dos dados recolhidos nos documentos escritos às observações dos dialetos falados naquele período. Segundo Martelotta, (2011, p. 34), “entre os aspectos importantes herdados do século XIX, podemos mencionar a visão de mudança como caminhando do sentido mais concreto para o mais abstrato e a noção de que raízes são historicamente anteriores aos morfemas presos”. Sendo assim, podemos dizer que as bases para a proposta de abordagem da mudança linguística tiveram sua origem no comparativismo do século XIX.

Quando falamos em mudança linguística não podemos deixar de mencionar a Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação que surgiu nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como seu principal representante William Labov. Martelotta (2011, p. 46), citando Mollica e Braga (2003), diz que esse ramo da Linguística “estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala, voltando sua atenção para um tipo de investigação que correlacionam aspectos linguísticos e sociais”. O caráter dinâmico e mutável da língua e seu uso real são levados em consideração pelos sociolinguistas ao estudarem a língua. Cezario e Votre (2008) *apud* Martelotta (2011, p. 48), resumem os objetivos principais da Sociolinguística,

O sociolinguistas se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que *motivam* a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início, ou se completou uma trajetória que aponta para mudança.

Devemos considerar os fatores linguísticos e extralinguísticos ao analisar se determinado fenômeno de variação constitui-se uma “variação estável” ou uma “mudança em progresso”. Quando uma variação se mantém “delimitada por grupos dialetais”, podemos dizer que há uma variação estável, como por exemplo, o uso das formas *chiclete/chicrete*, normalmente utilizadas por grupos sociais distintos (com mais escolaridade X com menos escolaridade, respectivamente).

A partir do momento em que a forma de menor prestígio passa a ser utilizada na fala de pessoas com um maior grau de escolaridade de modo frequente estamos diante de um “indício de mudança em curso”. É o que parece acontecer com a forma perifrástica *ir no presente+ verbo no infinitivo* que, segundo pesquisas como as de Gibbon (2000), Oliveira (2006) e Tesch (2011), são muito frequentes na fala de pessoas de diversos níveis sociais e de escolaridade. Martelotta (2011) ressalta que na perspectiva da Teoria da Variação “toda mudança pressupõe um período de variação”. O autor ainda destaca que,

Na verdade não é tão fácil determinar se um fenômeno variável está em processo de mudança. Para chegarem a conclusões a esse respeito, os sociolinguistas observam vários fatores, tais como escolaridade, gênero (sexo), idade, registro, dentre outros, utilizando-se de programas estatísticos para cruzamento de fatores. (MARTELOTTA, 2011, p. 49).

Vale ressaltar que os fatores linguísticos são elementos internos à língua e que podem influenciar e inibir as mudanças linguísticas, dentre os quais podemos destacar: extensão fonológica do verbo, pessoa verbal, conjugação verbal, paradigma verbal, tipo de sujeito, animacidade do sujeito, papel temático do sujeito, estatuto sintático do sujeito, presença/ausência de clíticos, natureza semântica do verbo, presença/ausência de futuridade fora do verbo, projeção de futuridade e paralelismo sintático-discursivo. Os fatores extralinguísticos também têm sua relevância para os estudos sociolinguísticos, pois influenciam o modo e a forma como os falantes da língua se expressam.

Segundo Vidal (2009), o funcionalismo e a sociolinguística consideram fatores extralinguísticos como faixa etária, escolaridade, sexo, entre outros, no que diz respeito aos usos na língua. A diferença entre essas duas vertentes está na ênfase dada ao falante na elaboração das estruturas linguísticas, pois para os sociolinguistas o falante é condicionado ao meio social, ou seja, o uso que ele faz da língua é motivado por fatores sociais, enquanto que na visão funcionalista esses usos são motivados por questões de ordem funcional.

Conforme os estudos funcionalistas realizados sobre a forma perifrástica, podemos dizer que ela encontra-se em variação com a forma sintética, pois formam “um par de formas semanticamente equivalentes”, que co/ocorrem na língua num mesmo momento para indicar ideia de futuro. Por outro lado, temos o verbo **ir** como marcador de futuro e verbo de movimento que caracteriza o processo de mudança de um sentido de movimento (Vou à escola), em que **ir** é um item lexical, para um uso como auxiliar, marcador de futuro, (Vou estudar), item mais gramatical. Temos, assim, funções diferentes para o mesmo verbo que estão associados a contextos pragmáticos-discursivos, os quais se constituem os motivadores da mudança, como afirma Martelotta (2011, p. 53),

O que parece impulsionar o movimento de mudança são os mecanismos interacionais associados aos usos dessas estruturas. Em termos mais específicos, a mudança tende a refletir o modo mais eficaz de negociação do sentido que falante e ouvinte promovem no ato da comunicação.

Sendo assim, podemos dizer que a utilização dos aspectos cognitivos dos falantes se adaptam às diversas situações de comunicação e atribuem novos usos aos elementos linguísticos já existentes.

Segundo a teoria funcionalista, “a variação linguística é um estágio natural da trajetória de regularização gramatical das formas linguísticas”, (FURTADO DA CUNHA, 2007, P. 80). Os estudos relacionados à mudança linguística em funcionalismo têm uma estreita ligação com a teoria da gramaticalização que passa a figurar no universo da linguística funcional de vertente norte-americana a partir de 1970, tendo como “texto motivador” *The Origins of Syntax in Discourse* (Sankoff e Brown, 1976), porém, Martelotta (2015, p. 50), ressalta que “o conceito de gramaticalização não é uma descoberta recente da linguística. Sua origem remete às propostas gramaticais dos gregos (HARRIS E CAMPBELL, 1995; CAMPBELL E JANDA, 2001)”.

Assim como o ser humano evolui e muda sua visão acerca do mundo em que vive, também se modifica a estrutura da língua a fim de adaptar-se aos novos usos. A mudança está ligada ao funcionamento da língua que tem como propósito maior promover a comunicação, portanto podemos dizer que é um “fenômeno funcional”, pois envolve as estratégias comunicativas em diferentes situações. Bally *apud* (MARTELOTTA, 2011, p.27), nos diz que “as línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão mudando”, por isso a variação e a mudança fazem parte da essência da língua.

Diante das diversas situações comunicativas que surgem, a língua, com maestria, desenvolve “expressões alternativas” que se moldam aos diferentes contextos e acabam estimulando as mudanças na língua. A variação é um aspecto relevante quando abordamos a dinamicidade da língua, pois em um país como o Brasil que conta com uma diversidade cultural imensa, é nítida a variação no uso da língua nas diferentes regiões que abrangem diferenças na pronúncia, no vocabulário e na sintaxe. Além disso, aspectos como idade, grupo social, nível de escolaridade, também influenciam a forma de falar das pessoas.

A linguagem dispõe de variedades linguísticas para que os falantes optem pela(s) que julgar mais adequada(s) a situação comunicativa, porém nem sempre esse aspecto dinâmico da língua tem seu devido espaço na norma padrão estabelecida pela gramática normativa. Martelotta (2011, p.29), afirma que,

parece claro que aqueles que estudam a estrutura e o funcionamento das línguas, que os padrões de correção não explicam o funcionamento da linguagem, já que todas as línguas do mundo apresentam, em número bastante elevado, construções alternativas aos padrões gramaticais, como é o caso de construções portuguesa, como *A gente vamos lá, eu vi ele, Isso é pra mim fazer, Vieram menos pessoas*, entre outras que são combatidas pelas normas gramaticais.

Desse modo, podemos dizer que a utilização dos aspectos cognitivos dos falantes se adaptam às diversas situações de comunicação e atribuem novos usos aos elementos linguísticos já existentes. É fato que os padrões de correção têm influência sobre as restrições das combinações linguísticas, mas o que os linguistas defendem é o “caráter adaptativo da linguagem”, que, na maioria das vezes, não é levado em conta pela gramática normativa, sendo por ela descartado. No capítulo seguinte, apresentamos algumas concepções sobre gramática e seu reflexo no processo de ensino-aprendizagem.

4 ENSINO DE GRAMÁTICA E FUNCIONALISMO

Neste capítulo, são apresentadas algumas concepções de língua e de gramática, bem como reflexões sobre seu papel no ensino de língua materna à luz dos PCN e de estudiosos como Travaglia (1997), Possenti (1996), Perini (1999), Antunes (2003), Bagno (1998 e 1999), Bakhtin (1997), Furtado da Cunha & Tavares (2007), enfocando um trabalho mais efetivo com o ensino à luz dos pressupostos do funcionalismo.

4.1 A gramática na visão funcionalista

O funcionalismo surge na década de 1970, ganhando força nos Estados Unidos, dando destaque a linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón defensores de uma linguística baseada no uso, que considera a língua do ponto de vista do contexto linguístico e “da situação extralinguística”.

Martelotta & Areas (2015, p.17) afirmam que “de acordo com essa concepção a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso”. É a partir da interação dos falantes, da língua em uso nos contextos discursivos pontuais que a gramática se constitui, e só assim é que o fenômeno sintático pode ser compreendido, pois a língua é um fenômeno social e está em constante transformação, moldando-se conforme a situação de interação verbal.

Givón (1995), apresenta o grupo de premissas que caracteriza de forma sucinta a visão funcionalista da linguagem. São elas:

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- mudança e variação estão sempre presentes;
- o sentido é contextualmente dependente e não-atômico;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é maleável e não- rígida;
- as gramáticas são emergentes;
- as regras de gramática permitem algumas exceções.

O funcionalismo busca explicar as regularidades da língua, analisando as condições discursivas de seu uso. Sendo assim, a estrutura gramatical é entendida como variável, dependente do uso que dá forma ao sistema.

A discussão acerca do ensino ou não das normas gramaticais é colocada em pauta por muitos teóricos e professores da rede pública de ensino e várias são as divergências em torno do seu ensino ou não. Alguns defendem seu ensino sistemático; outros, o abandono deste; porém a questão maior não é analisar a necessidade ou não de ensinar gramática e sim para quê, como e por que ensiná-la. É buscar realizar um trabalho de análise e reflexão sobre a língua em situações reais e práticas, utilizando-se de textos orais e escritos que possibilitem essa reflexão.

A linguística funcional corrobora com os preceitos acima mencionados quando afirma que “o sistema linguístico deve ser descrito e explicado em contextos reais de uso”. Segundo Furtado da Cunha & Tavares (2007, p.13),

Enfim, a prioridade, no que diz respeito à abordagem da gramática na escola, é estimular diariamente os alunos a usarem e abusarem de itens gramaticais em suas diferentes funções, produzindo textos de gêneros variados, orais e escritos, formais ou informais, e refletindo sobre o que a utilização de um dado item traz para cada texto em termos de efeitos semântico-pragmáticos e morfossintáticos. Analisando, levantando hipóteses, compartilhando ideias – apenas assim os alunos podem compreender o funcionamento da gramática.

Para as autoras, a gramática só produz sentido em seu contexto real de uso, que é o texto. É a partir dele que os tópicos gramaticais devem ser analisados e compreendidos, visando à ampliação da competência comunicativa dos alunos, estimulando-os à pesquisa das regularidades do funcionamento da língua, em detrimento à mera conceituação e categorização normativas.

Para que o ensino da língua se torne uma prática significativa para o aluno bem como para o professor é necessário que este tenha certa curiosidade sobre a língua, considerando-a como algo dinâmico e social que só se efetiva pela interação verbal, com atividades discursivas diversificadas que estão diretamente afetadas pelo outro e para ele se voltam.

A criança, por exemplo, aprende a língua através da interação com o outro, por isso deve estar em contato com as formas que cotidianamente utiliza e ser instigada a usá-las em situações adequadas. Desse modo, caberia ao professor fazer do aluno, como diz Bechara (1993), um “poliglota” dentro da própria língua, sendo capaz de optar por um registro mais adequado a cada situação comunicativa. O papel da escola, neste contexto, é o de agente socializador que visa pelo ensino da norma fazer com que o aluno tenha acesso a todas as

atividades da classe dominante, entendendo que tal ensino deve ocorrer em acréscimo à variedade coloquial a qual o aluno já conhece e não em substituição a esta.

Refletindo sobre as diferentes concepções de gramática e sobre o ensino de língua portuguesa, essa pesquisa traz algumas razões que apontam no trabalho com a linguística funcional uma alternativa para um ensino mais produtivo. Dentre os tipos de ensino de língua materna cita-se: o **ensino prescritivo** que objetiva levar o aluno a substituir seus padrões de atividade linguística considerados “errados”, por outros tidos como “corretos”; o **ensino descritivo** objetivando mostrar como determinada língua funciona e o **produtivo** que visa ensinar novas habilidades linguísticas.

Sobre as concepções de gramáticas e baseando-se em Travaglia (2006) e Possenti (1996) podemos conceituar gramática como:

- Conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecida pelo uso da língua consagrado pela tradição (gramática normativa);
- Descrição da estrutura e funcionamento da língua, de sua forma e função (gramática descritiva);
- Conjunto de regras internalizadas que o falante realmente aprendeu e das quais lança mão ao falar (gramática internalizada).

Do ponto de vista funcionalista, Martelotta (2015), conceitua gramática como “conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas e interativas moldadas, mantidas e modificadas pelo uso”. O autor utiliza o termo gramática cognitivo-funcional e explica que a escolha se dá pelo fato da expressão juntar vertentes linguísticas, ou “escolas linguísticas”, que têm os seguintes pontos em comum:

- observam o uso da língua, considerando-o fundamental para a compreensão da natureza da linguagem;
- observam não apenas o nível da frase, analisando, sobretudo, o texto e o diálogo;
- têm uma visão dinâmica das línguas, ou seja, focalizam a criatividade do falante para adaptar as estruturas linguísticas aos diferentes contextos de comunicação;
- consideram que a linguagem reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, integradas com o resto da psicologia humana, isto é, sua estrutura é consequente de processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados em situações de interação com outros indivíduos.(MARTELOTTA, 2015, p. 62).

Sendo assim, a gramática cognitivo-funcional analisa a situação de comunicação, considerando o momento da fala, os participantes e o contexto discursivo, de modo que associa-se ao discurso do qual necessita para se adaptar às situações comunicativas.

Neves (2006, p.16), nos apresenta, a seguir, algumas “lições” que considera básicas para uma gramática de direção funcional.

*A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (Prideaux, 1987).

*A língua (e a gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (Givón, 1995).

*As formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas (Halliday, 1985).

*Na gramática estão integrados os componentes sintático, semântico e pragmático (Dik, 1978, 1980, 1989a, 1997; Givón, 1984; Hengeveld, 1997).

*A gramática inclui o embasamento cognitivo das unidades linguísticas no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes (Beaugrande, 1993).

*Existe uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (o gramatical) (Mackenzie, 1992).

*O falante procede a escolhas, e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas (Halliday, 1973, 1985).

*A gramática é susceptível às pressões do uso (Du bois, 1993), ou seja, às determinações do discurso (Givón, 1979b), visto o discurso como a rede total de eventos comunicativos relevantes (Beaugrande, 1993).

*A gramática resolve-se no equilíbrio entre as forças internas e forças externas ao sistema (Du bois, 1985).

*O objeto da gramática funcional é a competência comunicativa (Martinet, 1994).

Nos tópicos apresentados, a autora, com maestria, resume as ideias centrais da gramática de cunho funcionalista em que os elementos fundamentais giram em torno do uso da língua, do significado das formas e do indivíduo enquanto ser social.

4.2 As gramáticas que nos cercam

A discussão em torno do papel da gramática, principalmente a normativa, no ensino fundamental tem chamado a atenção de muitos pesquisadores sobre o assunto. Nas últimas décadas, a importância do estudo gramatical foi alvo de divergências. Para uns, esse estudo era a salvação para aqueles que ignoravam as formas mais elaboradas da língua; para outros, era o responsável pelo fracasso dos alunos que não conseguiam ser bons leitores e produtores de textos.

Essa visão foi ampliada conforme os PCN referentes à Língua Portuguesa, que têm uma dimensão interacional e discursiva da língua, pautada no uso oral e escrito desta, bem como na reflexão sobre seus usos. Podemos dizer que os PCN trabalham numa perspectiva gramatical de natureza interativa e produtiva que vêm ao encontro dos preceitos do funcionalismo que concebe a gramática e a língua em função do uso, numa perspectiva pragmática. Portanto, consideramos a contribuição do funcionalismo de grande relevância para o ensino de língua materna, seja na análise de textos, seja na produção destes, visto que a produção de material didático orientada pelos pressupostos do funcionalismo é considerada de pouca expressividade ainda.

O falante da língua possui certo saber linguístico que fica limitado a oralidade, e é na escola que ele deve aprimorar essa oralidade e desenvolver as outras modalidades da língua. Entretanto, o ensino de língua nas escolas parece ser, muitas vezes, tomado apenas como ensino da gramática normativa que trata a língua de maneira vaga e superficial, estereotipando-a e tornando-a artificialmente simples. Conforme Possenti (1996, p.86), “ensinar gramática é ensinar a língua em toda sua variedade de usos, e ensinar regras é ensinar o domínio do uso”. Devemos compreender que cada modalidade da língua tem sua gramática típica e que o falante já domina, de certa forma, uma gramática natural, internalizada pelo uso cotidiano.

Ainda segundo o autor (1996), considerando a gramática como “conjunto de regras”, podemos falar em três concepções do que seja gramática, observando que a terminologia “conjunto de regras” também pode ser entendida de várias maneiras. Assim sendo, temos:

1. Conjunto de regras que devem ser seguidas pelos seus usuários para bem falar e escrever. Esta gramática denominada **normativa** ou **prescritiva** pauta-se na variedade considerada padrão da língua, desse modo, tudo que se adequa a esse padrão é considerado “certo”, “gramatical” e o que não se adequa é tido como “errado”, “agramatical”. As regras do “certo” ou “errado” são estabelecidas a partir do uso feito por grandes poetas e escritores consagrados, ignorando-se assim a modalidade oral da língua a qual é vista como um “erro”. Aqueles que transgridem tais regras são discriminados e podem sofrer sanções como, por exemplo, a reprovação na escola ou no vestibular, por não dominarem esta modalidade da língua. De acordo com Possenti (1996), o ensino descontextualizado deste tipo de gramática é feito apenas por razões históricas, sem nenhuma perspectiva de aplicação prática, logo seu ensino parece não ter relação com o ensino de língua.

2. Conjunto de regras que são seguidas. Esse tipo de gramática serve de orientação para o trabalho dos linguistas e pretende descrever e explicar as línguas tais como são faladas.

Nesse tipo de gramática chamada **descritiva**, a língua oral passa a ter um papel relevante. As regras são estabelecidas a partir das formas utilizadas pelos usuários dessa língua. Considera-se gramatical, de acordo com essa acepção, sentenças que atendam às regras de estrutura e funcionamento da língua de uma variedade linguística específica. Assim, frases do tipo: **Eu vi ela semana passada** ou **Me dê seu endereço** são entendidas como gramaticais, uma vez que atendem a tais regras. A esse respeito, acrescenta Travaglia (2006, p.28),

A consideração dessa linguística da fala, desses estudos sobre a língua em uso, é importante para o trabalho do professor de língua que pretende desenvolver a competência comunicativa do seu aluno ou descrever-lhe como funciona a língua que ele utiliza ou levá-lo a observar esses mesmos fatos.

A gramática descritiva defende a ideia do “diferente”, do “adequado”, das múltiplas manifestações linguísticas que variam de acordo com as condições de uso do falante e suas intenções. Podemos, então, dizer que não há erros para a gramática descritiva?

Conforme os princípios que a regem são considerados erros aquilo que não ocorre de forma sistemática em nenhuma variedade da língua. Desse modo, construções do tipo: **No vou sapatos mercado comprar** ou **Ela é um menina bonita** são considerados erros.

3. Conjunto de regras que o falante da língua domina. Esse tipo de gramática já está internalizada em sua mente, e a ela recorre para produzir frases ou sequências de palavras típicas da língua. A gramática da língua em uso é a mola-mestra segundo essa concepção, que busca o desenvolvimento da competência linguística do seu usuário nos aspectos gramatical, textual e discursivo. O interessante no trabalho com tal gramática não é destacar a questão de se falar certo ou errado, conceitos típicos da gramática normativa, e sim saber utilizar a forma mais adequada, considerando o contexto de comunicação, a intenção comunicativa e os interlocutores aos quais o texto é direcionado.

Saber gramática, nesse sentido, não significa, de início, ter escolarização ou conhecimentos sistemáticos sobre uma determinada variedade linguística, no caso a padrão, mas ser capaz de articular e eleger formas consideradas pertinentes para se comunicar através de hipóteses como ocorre, por exemplo, com a criança no processo de aquisição da linguagem ao utilizar expressões como **Eu di**, **Eu fazi o dever**, **Eu desapaguei a luz**, em que aos poucos e de forma natural vai confirmando ou não hipóteses a partir da interação com o outro.

A gramática funcionalista tem como princípio fundamental a ideia de que a forma está subordinada à função, ou seja, as noções de nome e de enunciado estão relacionadas conforme

a função que desempenham. A utilização desse tipo de gramática permite ao professor desenvolver um trabalho, de certa forma, reflexivo sobre a língua, uma vez que associa a forma à função. Assim, nomes como **VELHO**, **JOVEM**, que podem funcionar ora como substantivo ora como adjetivo serão definidos considerando-se sua função de acordo com o contexto ao qual estão inseridos, tal qual acontece com o verbo IR que ora assume a função de verbo pleno, ora de verbo auxiliar quando acompanhado de verbo no infinitivo para designar ideia de tempo futuro. O mesmo procedimento ocorre em relação ao estudo da transitividade de verbos como **apagar**, por exemplo, que conta com o componente semântico para se proceder à análise de sua real transitividade.

Ao lado dessas noções básicas de gramática, Travaglia (2006) cita outros tipos que podem, segundo o autor, representar “uma distinção produtiva na questão do ensino de gramática.

A **gramática implícita** ou a **gramática de uso** como é mais conhecida no trabalho escolar, assim denominada porque apesar de estar internalizada no falante, de forma inconsciente, ele a use de forma sistemática. Está, portanto, ligada a gramática internalizada.

A **gramática explícita** ou **teórica** procura explicitar a estrutura, formação e estruturamento de uma língua por meio de atividades metalinguísticas, portanto, abrange a gramática normativa e descritiva já que estas explicitam ou teorizam cada uma a seu modo o mecanismo de funcionamento da língua.

A **gramática contrastiva** ou **transferencial** que faz a descrição de duas línguas ao mesmo tempo, indicando como os padrões de uma podem ser esperados na outra. No caso da língua materna o uso desta gramática torna-se eficaz para apresentar as diferenças e semelhanças em relação às variedades da língua.

A **gramática geral** que visa determinar princípios que seriam obedecidos por todas as línguas, é o que Travaglia (2006, p. 35) considera como “uma gramática de previsão de possibilidades gerais”.

A **gramática universal** que tem base comparativa e tenta descrever e classificar os fatos que considera universais. Às vezes é interpretada como uma gramática geral.

A **gramática histórica** tem um caráter diacrônico e estuda a origem e evolução de uma língua. Alguns livros didáticos apresentam noções elementares sobre esta gramática no que diz respeito à origem do Português no Latim vulgar, a evoluções morfológicas e fonológicas, entre outras.

A **gramática comparada** estuda as fases evolutivas de diversas línguas, na busca de pontos comuns. Graças ao estudo desta gramática foi possível descobrir parentesco entre línguas como o Latim e o Sânscrito.

A **gramática reflexiva** que busca fazer com que o falante reflita sobre a constituição e funcionamento da língua partindo do conhecimento prévio que este tem sobre a língua que já estão internalizados, para um conhecimento dos aspectos que ele ainda não tem domínio, possibilitando a ampliação de suas habilidades linguísticas. A realização de um trabalho com essa gramática pode se dar a partir de atividades epilinguísticas que levam o aluno a explicitação de fatos da estrutura e funcionamento da língua, buscando uma inovação do ensino de gramática pela mudança metodológica. A segunda maneira envolve atividades metalinguísticas que objetivam refletir sobre os efeitos de sentido que os elementos linguísticos tendem a produzir na interlocução, voltadas, portanto, mais para o campo da semântica e da pragmática.

Acreditamos que a gramática deve ser utilizada nas aulas de língua portuguesa, embora se saiba que em si ela não ensina ninguém a falar, entretanto, ajuda na medida em que se possa separar o útil do inútil. Bagno (1998), por exemplo, é de opinião que a gramática deve conter atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento linguístico, como uma arma eficaz contra a reprodução acrítica da doutrina gramatical normativa. Sendo assim, a importância do ensino de gramática está na competência do professor ao trabalhá-la em sala de aula, não priorizando conceitos e nomenclaturas e sim a liberdade de pensamento e de expressão verbal nas diferentes situações de interação comunicativa. Os níveis e registros são múltiplos, portanto, não há modelo a ser seguido. O interessante é que haja um espaço dentro da sala de aula para o ensino de “gramáticas” e não só de “gramática”. (cf. BAGNO, 2008).

4.3 Ensino de gramática: objetivos e crenças

Assim como as concepções de gramática, o seu ensino tornou-se um assunto polêmico que tem buscado na Linguística uma referência na tentativa de uma reformulação. Desde as décadas de 70 e 80 autores como Franchi (2005), Possenti (1996), Travaglia (2006), Neves (1994, 2003), Antunes (2003, 2009), entre outros vêm apresentando contribuições para as reflexões sobre esse ensino. Os PCN de Língua portuguesa (2001) com sua dimensão interacional e discursiva da língua pautada no uso oral e escrito para efetuar seu ensino, bem como na reflexão sobre estes usos são um exemplo mais recente da influência da Linguística

na concepção de ensino de língua. Conforme essa orientação, os PCN (p.32-33) elegem objetivos para o ensino de Língua Portuguesa para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, de modo que o aluno possa:

- Utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso;
- Utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, operando sobre as representações construídas em várias áreas do conhecimento:
 - ❖ Sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos, reconstruindo o modo pelo qual se organizam em sistemas coerentes;
 - ❖ Aumentando e aprofundando seus esquemas cognitivos pela ampliação do léxico e de suas respectivas redes semânticas;
- Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos:
 - ❖ Contrapondo sua interpretação da realidade a diferentes opiniões;
 - ❖ Identificando e repensando juízos de valor tanto socioideológicos (preconceituosos ou não) quanto histórico-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua;
- Conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico;
- Reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades;
- Usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise linguística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica.

Tendo como referência os objetivos acima descritos, percebemos que, de diferentes formas, são sistematizadas reflexões sobre a língua, a linguagem, as variantes linguísticas, assim como o preconceito advindo da utilização ou não de uma modalidade linguística de prestígio social.

A partir do exposto acerca do ensino de gramática, faz-se necessário, portanto, entender o que concebemos como gramática e que seu ensino varia conforme a concepção adotada, uma vez que também são diversas as formas de conceber a língua e operar sobre ela. Essa compreensão prévia é necessária para que o professor possa compreender **o que** ensinar nas aulas de língua portuguesa, **como e para quê** e se tais propostas atendem ou não aos objetivos de ensino da língua que visam desenvolver as competências linguísticas desses alunos já explicitados acima conforme os PCN.

Segundo Travaglia (2006), estão ocultos, no ensino ou tratamento gramatical normativo, fatores de ordem estética, elitista, política, comunicacional e histórica, que definem o que está de acordo com a norma culta ou não. O julgamento do “certo” ou “errado”, no que se refere à norma culta, tem uma relação intrínseca com a ideologia da classe dominante que se utiliza da língua para reforçar o poder exercido por essa classe. Nessa visão, a gramática é tida como algo pronto, absoluto, portanto, inflexível às variações ou mudanças. A língua, nesse caso, seria vista como algo cristalizado, impossibilitado de evoluir, de se transformar ao longo do tempo. Em conformidade com uma visão mais social de língua, afirma Bakhtin (1997, p. 108),

A língua como um sistema de normas só pode ser demonstrado no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos lingüísticos enquanto fatos vivos e em evolução. Pelo contrário, nos distancia da realidade evolutiva e viva da língua.

O trabalho com esse tipo de gramática resulta num ensino puramente prescritivo da língua, privilegiando apenas a variedade escrita da norma culta com o objetivo de apenas “corrigir” o uso da linguagem, reforçando assim a ideia de que os alunos falam e escrevem errado. Esses, por sua vez alegam que é difícil aprender português na escola porque de fato para eles não é fácil sistematizar e apreender algo do qual não têm domínio efetivo. Desse modo, a língua parece-lhes estrangeira em certas situações, como se não fizesse parte do seu mundo. Entretanto, o hiato existente entre o uso da linguagem formal e o conhecimento que o usuário tem da língua, considerando sua gramática interna, não é tão grande assim como afirma Murrie (1998). Sendo assim, ao produzir frases do tipo: **“Nóis estuda muito. / Eles tem os cabelo preto”**, o usuário pode estar violando “regras” da língua padrão relativas ao aspecto morfológico e sintático, todavia não viola “regras” de sua gramática natural, já que tais sentenças são fruto de um processo de construção de uma gramática fundamentada nas relações sociais vividas pelo falante.

Dessa forma, entendemos que a norma padrão deve ser ensinada em acréscimo à variedade coloquial que o aluno já domina e não em substituição a essa, possibilitando, assim, que ele escolha a forma conveniente dependendo do grau de formalidade exigido pela situação comunicativa.

Ao falar em ensino de gramática na escola, o normativo é o tipo mais destacado por força da tradição herdada por nós dos gregos e acrescida dos padrões estruturais do latim que

já se cristalizou na escola. Tal modelo parece ser, ainda, adotado pela grande maioria dos professores e dos manuais de ensino, que o tem como um “porto seguro”, por simplesmente desconhecerem outros tipos de gramática ou mesmo tendo esse conhecimento não se sentirem preparados para colocá-los em prática e acabam direcionando suas aulas apenas ao ensino de nomenclaturas, buscando que os alunos sejam capazes de nomear, classificar ou reconhecer elementos da língua de forma superficial. A esse respeito, Furtado da Cunha & Silva (2007, p.81) são categóricas ao afirmar que,

Fiéis à nossa visão funcionalista de gramática emergente, cabe questionar a postura do professor de língua materna que tende a refrear todo movimento de mudança, tradicionalmente rotulado como corrupção da linguagem. Em muitos casos, esse profissional concebe a gramática como um organismo auto-suficiente, imposto pela escola em sua forma estática e consagrada pelos clássicos.

Conforme Possenti (1996) e Travaglia (2006), o ensino **descritivo** se propõe a fazer uma descrição estrutural e funcional de uma determinada língua. Nesse tipo de ensino, as regras são estabelecidas a partir das formas realmente utilizadas pelos usuários dessa língua. Conforme diz Franchi (2006, p. 52-53), “Gramática é um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua, uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical”.

Dessa forma, temos um ensino descritivo que pretende mostrar como se dá o funcionamento da língua que o aluno realmente usa para se comunicar, apresentando-lhe outras possibilidades desse mesmo uso, para que ele possa escolher a que melhor se adequa à situação comunicativa. Assim, o educando passa a ver o ensino de gramática como algo acessível, não tão distante de sua realidade. Pautando-se nesse tipo de ensino, o professor posiciona-se como instigador, provocador, objetivando fazer com que o aluno pense, raciocine sobre o uso da língua e desenvolva a capacidade de análise dos fatos e fenômenos de modo a utilizá-la eficientemente.

Conforme Possenti (1996) e Travaglia (2006), no uso da gramática internalizada prioriza-se a competência linguística que abrange a competência textual, gramatical e discursiva do falante o qual é capaz de elaborar infinitas sentenças e ao mesmo tempo julgar a gramaticalidade dessas. A questão do “certo” ou “errado” defendido pela gramática normativa não é priorizado no trabalho com a gramática internalizada e sim a inadequação de

determinada variedade linguística usada em certa situação de interação comunicativa que não atenda às normas em tal situação conforme os padrões sociais exigidos pelo contexto situacional.

O ensino desenvolvido a partir dessa visão de gramática tem como resultado o que Travaglia (2006) considera como “**produtivo**”, uma vez que busca ensinar e desenvolver novas habilidades linguísticas do aluno, sem desconsiderar as habilidades que ele já adquiriu. Segundo o autor, o ensino produtivo é o mais adequado quando se objetiva desenvolver de fato a competência comunicativa, incluindo assim o domínio da norma culta no que diz respeito a sua modalidade escrita. Para o autor, “da língua é o ensino da variante escrita todo ele produtivo, uma vez que o aluno não apresenta, quando entra na escola, nenhuma habilidade relativa a essa variedade”. Isso não significa dizer que as outras abordagens devam ser abandonadas, pelo contrário, deve-se utilizá-las de forma dosada, em conformidade com os objetivos traçados pelo professor.

O ensino de gramática, seja ele orientado ou não pelos manuais didáticos deve se dar através da interação nas diversas instituições sociais em que o sujeito aprende e apreende as formas de funcionamento da língua, construindo, assim, conhecimentos relativos aos usos em diferentes situações, uma vez que essa tem a capacidade de ajustar-se às necessidades dos seus falantes. Desse modo, aprender a língua pressupõe refletir sobre ela, formulando hipóteses, verificando o acerto ou não dessas no tocante ao funcionamento e estruturação da língua.

Nessa perspectiva, um ensino reflexivo busca efetivar um trabalho mais voltado para o conhecimento sobre a língua e não em tópicos restritos aos níveis morfológico, fonológico e sintático. Como ressalta Travaglia (2006, p.39), “passa-se a ver integrado a gramática tudo o que é utilizado e/ou interfere na construção e uso dos textos em situações de interação comunicativa”.

Como já vimos, quando se fala em ensino de língua, muitos professores ainda parecem relacioná-lo ao ensino de gramática, especialmente a normativa. A esse propósito questionamos: O que é língua? O que é gramática? Ensino de língua é sinônimo de ensino de gramática? Essas questões vêm sendo colocadas por diversos estudiosos como Travaglia (2006), Antunes (2003, 2009), Perini (1993), entre outros, desde a década de 80 quando se intensificaram as discussões em torno do ensino de língua materna, que contou com a contribuição da Linguística Aplicada nesse campo.

O objetivo do ensino de língua materna, diante da concepção de linguagem como forma de interação, é desenvolver a competência comunicativa do aluno, levando-o a adequar

a língua às mais diversas situações, tendo como unidade de ensino o texto⁷, considerando-se que ninguém se comunica só por frases. Sendo assim, a unidade o texto é tido como elemento propulsor da reflexão crítica. Logo, segundo os PCN (2001), cabe à escola viabilizar o acesso ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los, para que seja possibilitado ao aluno ampliar o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas.

Sob a ótica de Bakhtin (1997), é no fluxo da interação verbal que a palavra se concretiza como “signo ideológico”, transformando-se e ganhando diferentes significados, de acordo com o contexto em que ela surge. Considerando a língua como interação, o ensino de gramática serve de suporte para garantir uma melhor interação entre seus usuários. Para o autor, as regras da língua naturalmente existem, porém seu domínio é limitado e elas não podem ser compreendidas como explicação potencial de tudo, pois se assim o fosse, não haveria possibilidade das pessoas criarem a si próprias e o mundo. Portanto, podemos considerar a língua inseparável do fluxo da comunicação verbal, sendo transmitida não como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal. A esse respeito diz Bakhtin (1997, p.123),

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Nessa perspectiva, ensinar gramática significa ensinar a língua considerando todas as suas variedades de uso, a dinâmica de seu funcionamento, o trabalho efetuado pelos usuários da língua. Consequentemente, ensinar regras significa ensinar o domínio do uso dessas.

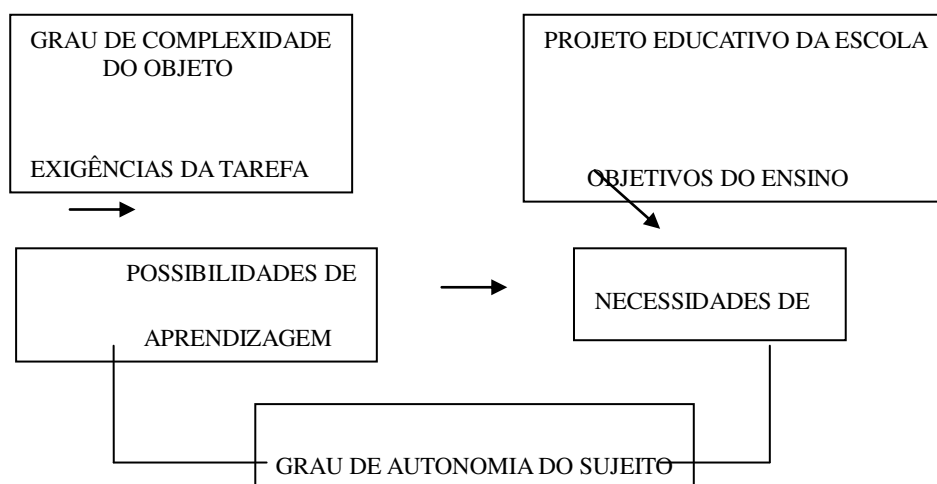
⁷O texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo e independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto, (KOCK e FÁVERO, 1988).

Possenti (1996) e Irandé (2003) compartilham do mesmo pensamento no que diz respeito às “boas estratégias” para o ensino de língua e consequentemente de gramática que estão pautados no uso de textos orais e escritos, no debate e em todas as formas de interpretação, pois aprender apenas nomenclaturas não é significativo para quem precisa adquirir competência em leitura e escrita de textos. É possível aprender uma língua sem conhecer efetivamente seus termos técnicos pelos quais ela é analisada, que nem sempre são aplicáveis em todas as situações.

Aprender uma língua significa refletir sobre seu funcionamento e tal reflexão só ocorre mediante o processo de interação verbal. Observando-se as diretrizes propostas pelos PCN de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, percebemos que os conteúdos relativos à língua devem ser organizados no eixo USO – REFLEXÃO – USO, e que seu ensino “deve se dar num espaço em que as práticas de uso da linguagem sejam compreendidas em sua dimensão histórica e em que a necessidade de análise e sistematização teórica dos conhecimentos linguísticos decorra dessas mesmas práticas”, (PCN, 2001, p.34). Portanto, os conteúdos devem ser articulados em dois eixos: O USO da língua oral e escrita e a REFLEXÃO sobre a língua e a linguagem. Os conteúdos referentes à REFLEXÃO servem como instrumento para uma análise do funcionamento da língua em situações de interlocução, privilegiando, segundo os PCN (2001, p.36):

1. Variação linguística: modalidades, variedades, registros;
2. Organização estrutural dos enunciados;
3. Léxico e redes semânticas;
4. Processos de construção de significação;
5. Modos de organização dos discursos.

Ainda conforme os PCN (2001), é competência da escola e do professor organizar os conteúdos no ensino fundamental de acordo com o esquema a seguir:



Apesar da proposta acima explicitada, percebemos na prática escolar que os conteúdos de língua e linguagem parecem, ainda, serem predeterminados em função da tradição do modelo escolar que vigora em nossa sociedade, julgando o que deve ser contemplado em cada ano (série). A respeito do currículo tradicional, Bechara (1993, p.23), alega que em relação à educação linguística tende a ser,

Antieconômico por ensinar aos alunos fatos da língua que eles, ao chegarem à escola, já dominam, graças ao saber lingüístico prévio; banal, porque o tipo de informações que são subministradas aos alunos nada ou pouco adiantam à capacidade operativa do falante, limitando-se quase sempre, a fornece-lhes capacidade classificatória; inatural, porque muitas vezes segue o caminho estruturalmente inverso à direção do desenvolvimento lingüístico dos alunos, partindo dos componentes lingüísticos não dotados de significação para os dotados dela.

A gramática normativa tem sua razão de ser. Não podemos ignorá-la em nome de uma nova “teoria linguística”. Devemos é saber **como, por que e quando** usá-la, enfatizando a forma de trabalhá-la.

De fato, apesar da existência das diversas maneiras de se trabalhar com a gramática, ainda não se efetivou o uso da reflexão para o ensino de língua portuguesa. A prática dos autores de livros didáticos e estudiosos no assunto indica uma transição ainda lenta entre o ensino de gramática normativa e o ensino pautado no uso real da língua. Percebemos que, na verdade, a escola ainda sustenta uma prática que se volta para a gramática como um conjunto de regras pautadas na variedade padrão, “uma espécie de lei que regula o uso da língua na sociedade”, como afirma Possenti (1996).

Embora os PCN de língua portuguesa proponham a adoção de uma prática efetiva de uso e reflexão para o ensino de língua materna, percebemos que há uma contradição, por parte de autores de livros didáticos, entre as propostas sugeridas por eles e as unidades e exercícios apresentados. A esse respeito, Oliveira & Wilson (2015, p.239), afirma que,

Infelizmente, os manuais didáticos, embora já apresentem a preocupação em apontar para os diferentes usos da língua, o fazem, em geral, de forma desvinculada das situações reais de comunicação, isto é, desconsiderando as relações entre língua e homem e entre este e seu meio social. O material didático disponível no mercado, em geral, ainda mantém a visão uniforme e homogênea da língua, seja na forma de concebê-la, seja no modo com que elabora os enunciados e estrutura as unidades.

A visão que a maioria dos professores e alunos tem em relação ao ensino de gramática na escola está centrada na memorização de nomenclaturas, na análise sintática de frases soltas, descontextualizadas, que apenas rotulam, nomeiam as coisas, sem que haja uma preocupação com a finalidade de tal uso, ou o efeito que isso provoca nos textos orais ou escritos, já que o professor parece acreditar que o trabalho desenvolvido com a gramática normativa proporciona ao aluno condições de usar adequadamente a língua materna indistintamente do contexto ou da finalidade desse uso. O aluno, por sua vez, espera que as aulas de gramática lhe deem condições de utilizar a língua em todas as situações comunicativas. Em geral, observamos que no ensino fundamental são mais enfatizadas as questões terminológicas da língua do que propriamente o uso desta.

A discussão sobre o tema é atual porque apesar de tantas mudanças de discurso, percebemos que a prática escolar continua basicamente a mesma, com raras exceções. Portanto, uma mudança no ensino da língua não consiste apenas em mudar a metodologia utilizada nas aulas ou substituir um modelo por outro mais moderno, e sim uma real mudança de postura do professor em relação à concepção que este tem de gramática e do que seja ensinar língua materna, questionando-se sobre **o que, como, para quê e para quem** se ensina. Para tanto, faz-se necessário que o professor tenha um conhecimento amplo sobre a estrutura e funcionamento da língua, que seja capaz de refletir sobre os fenômenos linguísticos, entendendo que os aspectos da língua (formais, semânticos, discursivos e pragmáticos) se articulam para que a língua funcione.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesse capítulo, esboçamos o percurso metodológico que dá suporte a nossa pesquisa, situando o tipo e o método, o contexto, a elaboração do corpus e os procedimentos usados na análise dos dados e nas etapas da aplicação da sequência didática sobre o uso do futuro perifrástico em língua portuguesa, de modo a responder as nossas indagações e alcançar os objetivos propostos.

5.1 Caracterização da pesquisa

Em função do objeto de estudo dessa pesquisa e das inquietações que a sustentam, qualifica-se como pesquisa participante, já que tem um caráter social e educacional, sendo realizada na nossa própria sala de aula onde buscamos desenvolver um trabalho participativo, interagindo efetivamente com os sujeitos pesquisados e com a realidade na qual estão inseridos. A relevância da pesquisa participante está no fato de os “objetos estudados” serem sujeitos ativos e não apenas “sujeitos de pesquisa”, ou seja, meros fornecedores de dados.

Segundo Gil (1991, p.150) “a pesquisa participante, assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”. Esse tipo de pesquisa possui um caráter aplicado, tratando de “situações reais”. Sendo assim, relaciona-se com nossa prática docente, pois durante a intervenção pedagógica buscamos desenvolver com os alunos atividades reflexivas de leitura e comparação sobre o uso das diferentes formas de expressar futuro em língua portuguesa, de acordo com o nível de formalidade do texto e das situações de interação.

Do ponto de vista de seus objetivos, define-se como explicativa, pois pretende identificar os fatores que influenciam o uso da forma perifrástica com o verbo IR e/ou a forma sintética na formação do tempo futuro no português brasileiro, como este tópico é abordado no livro didático⁸ e como se realiza na prática escolar dos sujeitos pesquisados.

⁸O livro didático utilizado para fazer a análise do tópico estudado foi *Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*, das autoras Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart, adotado na rede municipal de ensino de Cajazeiras no período de 2014 a 2016.

Considerando-se seu caráter social e educacional, entendemos que nossa pesquisa liga-se à abordagem qualitativa, visto que apresentamos uma atividade como proposta de intervenção, ao passo que analisamos a sua aplicabilidade, comparando-a com a proposta de trabalho com a gramática, especificamente o uso do tempo futuro, desenvolvida no livro didático. Como afirma Oliveira (2016, p.60) “a opção por uma abordagem qualitativa deve ter como principal fundamento a crença de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real, objetivo, concreto e o sujeito”.

Nessa perspectiva, buscamos relacionar os usos linguísticos reais desenvolvimentos pelos alunos no cotidiano com as regras tradicionais apresentadas pela gramática normativa, especificamente sobre o uso do tempo futuro, observando até que ponto tais regras são apreendidas e efetivamente utilizadas nas situações de interação desses alunos, de modo que haja, conforme Tesch (2011, p.89) “um ensino de língua materna mais próximo da realidade linguística dos alunos, contribuindo para uma revisão do conceito de norma, visto que nem sempre os falantes se utilizam da norma-padrão no seu cotidiano”.

Ressaltamos que não é nossa intenção criticar o trabalho com a gramática normativa nas aulas de língua materna, e sim sugerir outra(s) possibilidade(s) de se trabalhar a gramática, apresentando aos alunos o caráter duplo da língua: o formal, mais rígido e preso às normas e o informal, mais flexível e dinâmico, a fim de torná-los usuários competentes capazes de utilizar a língua em diversas situações comunicativas.

Quanto ao método de pesquisa, compreendemos que consiste na maneira escolhida para ser seguida durante o processo de investigação científica. Segundo Oliveira (2016, p. 48): “entendemos o método como sendo o *procedimento adequado* para estudar ou explicar um determinado problema”. Sendo assim, o método adotado na pesquisa deve delimitar “os caminhos” a serem seguidos. Partindo desse pressuposto, nossa pesquisa baseou-se no método dedutivo que, como destaca Oliveira (2016, p. 49) “é um procedimento de estudo que vai do geral para o particular ou, melhor dizendo, parte-se dos princípios já reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis para se chegar a determinadas conclusões”.

O método dedutivo, ainda conforme a autora, vale-se da razão como a única forma para se alcançar o conhecimento verdadeiro, partindo daquilo que já conhecemos para o que nos é desconhecido, tendo como objetivo primordial explicar “um conjunto de premissas”, partindo de uma análise geral para o particular, chegando a uma conclusão.

5.2 Apresentação do campo de pesquisa

Nosso campo de pesquisa é a turma do sétimo ano da escola Antônio de Sousa Dias, localizada na zona rural do município de Cajazeiras/PB. A escola atende a alunos da Educação Infantil até a segunda fase do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, respectivamente. A Educação de Jovens e Adultos I e II segmentos também é ofertada no período noturno.

A turma escolhida é composta por 46 alunos, dos quais aproximadamente vinte estão fora da faixa etária. Há também um aluno especial na classe que apresenta dificuldades de aprendizagem e de interação verbal com os demais colegas de turma. Todos residem em sítios próximos e utilizam-se do transporte escolar (ônibus) para locomoverem-se à escola.

5.3 Procedimentos de coleta e critérios de análise

O alvo de nossa pesquisa é o uso do tempo perifrástico em língua portuguesa presente em textos de alunos do sétimo ano do ensino fundamental II, turma essa formada por 46 alunos, como já mencionamos anteriormente. A escolha dessa temática surgiu a partir de observações feitas em sala de aula sobre o uso recorrente da forma perifrástica (IR no presente + verbo no infinitivo) em situações nas quais a forma sintética, apresentada pela gramática normativa, seria a mais adequada, como, por exemplo, nas produções textuais que exigem um maior grau de formalidade.

Ressaltamos que antes de iniciarmos nossa proposta de intervenção fizemos uma reunião com os pais dos alunos do sétimo ano com o objetivo de informá-los sobre o trabalho que pretendíamos desenvolver com a turma. Após os esclarecimentos sobre a proposta, lemos para os pais o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), cuja cópia encontra-se nos anexos. Em seguida, todos concordaram com o exposto e assinaram o referido termo para que pudessemos dar prosseguimento a nossa pesquisa em sala de aula.

Os dados em que se baseia nossa pesquisa foram extraídos a partir de amostras dos textos produzidos pelos alunos durante a aplicação de uma das atividades desenvolvidas na etapa inicial da proposta interventiva. Dos textos produzidos, percebemos que boa parte dos alunos utilizou a forma perifrástica composta pelo verbo IR no presente + verbo na forma infinitiva, para expressar ideia de futuro. Outros alternavam entre o uso da forma sintética e a forma perifrástica, no mesmo texto, para expressar ideia de futuro.

Diante dessa análise prévia, detectamos que as ocorrências relacionadas ao uso das variadas formas de expressar ideia de futuro era uma questão comum para praticamente todos os alunos, pois não conseguiam distinguir os contextos de uso dessas formas em cada situação comunicativa. Essa observação reforçou a problemática levantada por nós: Por que os alunos do ensino fundamental, em particular do 7º ano, apresentam tantas dificuldades em compreender, na prática, os contextos de uso da forma tradicional do futuro (forma sintética) e a variação / mudança através do futuro perifrástico?

A fim de responder a essa questão, buscamos respaldar nossa pesquisa na teoria funcionalista que considera os usos reais, efetivos da língua nas situações comunicativas. O funcionalismo busca explicar as regularidades de uso da língua, analisando as condições discursivas de tal uso. Sendo assim, a estrutura gramatical é entendida como variável, dependente do uso da língua que dá forma ao sistema (Cf. FURTADO DA CUNHA, 2007).

Partindo desse pressuposto, nossa análise buscou estudar e investigar os contextos de ocorrência das formas de expressar ideia de futuro, em especial a forma perifrástica IR no presente + verbo no infinitivo, contrapondo com o que a gramática normativa apresenta nos manuais didáticos (a forma sintética), e o real uso que os alunos fazem ou não dessa forma tradicionalmente cristalizada, tentando a partir dessa comparação fazer com que os alunos compreendessem a língua como um instrumento de interação social dinâmico e mutável, bem como suas regras.

Quanto aos critérios de análise, fizemos a leitura das atividades contidas no livro didático, referentes ao tempo futuro, e dos textos produzidos pelos alunos, observando, respectivamente:

- Como o livro didático apresenta a formação do tempo futuro em língua portuguesa?
- Quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos dos falantes que influenciam na codificação do futuro?
- Que contribuições a sequência didática trouxe para a compreensão do uso das formas de expressar ideia de futuro?

A análise dos resultados foi feita a partir da interpretação das ocorrências do futuro perifrástico nas amostras selecionadas, considerando os fatores discursivos, semânticos e pragmáticos.

5.4 Apresentação do livro didático

Apesar de ser criticado por muitos professores e estudiosos na área de ensino, o livro didático pode ser considerado, ainda, como a principal ferramenta de trabalho para o professor no contexto da sala de aula, e seu uso eficiente depende da maneira como o professor o utiliza. Reforçamos mais uma vez que nossa intenção não é criticar o trabalho com a gramática normativa, muito menos desconsiderar o uso do livro didático nas aulas de língua portuguesa, pois o bom uso ou não desse suporte dependerá da mediação do professor.

Lajolo (1996, p.8), reforça que, “nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações. Como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores”. Sendo assim, consideramos que o livro didático é mais um suporte para o trabalho que o professor venha a desenvolver em sala de aula no que se refere a língua portuguesa.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) desde 2005 tem incluído, nas coleções aprovadas por ele, a variação linguística como um dos critérios de avaliação no que se refere aos conhecimentos linguísticos. Porém, percebemos que o trabalho com a variação se dá de forma fragmentada, pois, na maioria das vezes, os livros didáticos são separados em cadernos (seções) o que acaba reforçando tal fragmentação.

O livro didático utilizado para fazer a análise do tópico sobre o tempo futuro, por exemplo, é dividido em três seções (cadernos) em que cada um deles prioriza um componente do ensino de língua portuguesa, sendo apresentados da seguinte forma:

1. Caderno de leitura e produção destinado ao estudo de diferentes temas, por meio de leituras e produções de gêneros textuais variados;
2. Caderno de práticas de literatura: destinado à abordagem mais enfática em leitura literária;
3. Caderno de estudos de língua e linguagem: prioriza a reflexão sobre aspectos da língua, considerando-a como linguagem e como sistema.

O caderno 3, por sua vez, é subdividido em três unidades. Na primeira, intitulada “língua e linguagem”, o foco é a compreensão dos fenômenos linguísticos e os efeitos de sentido que tais fenômenos trazem para o texto, ou seja, pretende desenvolver atividades mais reflexivas sobre a linguagem. Na unidade 2, “língua e gramática normativa”, que as autoras definem como uma espécie de “enciclopédia da gramática normativa”, são abordados aspectos da metalinguagem, em que são apresentadas regras referentes à norma padrão, pois as autoras consideram que “os alunos têm direito a esse tipo de conhecimento”. Por fim, a

última unidade é destinada aos aspectos notacionais da língua – ortografia, acentuação e pontuação.

Em nossa pesquisa nos detivemos à análise de como o tempo futuro é abordado na seção de estudos de língua e linguagem que se encontra na unidade 2 do referido livro, portanto os demais cadernos (seções) não foram considerados em nosso trabalho.

Além desses cadernos, no livro há um manual do professor que traz algumas explicitações sobre os pressupostos teórico-metodológicos nos quais se baseou a obra, textos de referência para compreender melhor os pressupostos e textos complementares de subsídio teórico ou temático para o trabalho com as unidades, explicação da estrutura da obra com mapas e esquemas dos conteúdos, orientações sobre as atividades e respostas.

No tocante ao ensino e aprendizagem de língua, a obra respalda-se nos pressupostos teóricos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, nos estudos de Vygotsky sobre a teoria da aprendizagem numa perspectiva socioconstrutivista e na teoria enunciativo-discursiva sobre língua e linguagem em que são destacadas as ideias de Bakhtin sobre a concepção de homem enquanto ser social que interage com os outros em busca da construção do conhecimento.

O ensino de gramática baseia-se nos aspectos normativos como também no trabalho com a variação linguística. São apresentadas algumas leituras complementares, de trechos de obras de autores tais como: Geraldi (1997), Vygotsky (2000), Antunes (2003), entre outros.

Oliveira & Wilson (2015, p.237), consideram o manual do professor um material que apresenta um caráter “formalista da linguagem como instrumento de comunicação”. Segundo as autoras,

Trata-se de um material que, em geral, propõe uma série de instruções para o procedimento do professor, desconsiderando maiores especificidades envolvidas na questão do ensino-aprendizagem, como a região onde se localiza a escola, o perfil do aluno e do professor, as condições histórico-culturais que cercam e marcam a experiência com a linguagem, entre muitas outras.

De fato, o manual apresentado na obra parece enquadrar-se na definição acima, porém o professor pode e deve trabalhar as especificidades mais particulares apontadas pelas autoras, uma vez que o material didático, incluindo o manual do professor, constitui-se como mais uma ferramenta, e não a única, que pode ser utilizada em sala de aula.

5.5 Elaboração da proposta de intervenção

A atividade proposta teve início no mês de junho. Por ocasião da Semana do Meio Ambiente, foi feito um trabalho interdisciplinar na escola envolvendo questões relativas ao meio ambiente e sua preservação, com palestras, vídeos, peças teatrais, abordando a temática mencionada que se estendeu durante todo o mês de junho, pois a coordenação pedagógica entendeu que uma semana não seria suficiente para abordarmos tantas questões relacionadas à temática.

Todos os trabalhos desenvolvidos foram expostos no último dia de programação das atividades, ocasião em que foi premiada a melhor produção textual, após a reescritura dos textos numa versão mais monitorada.

A atividade interventiva que desenvolvemos propôs uma reflexão sobre o uso do tempo futuro do presente do modo indicativo apresentado na gramática tradicional e o real uso que os alunos fazem desse tempo verbal.

A ideia não era simplesmente apresentar regras, mas possibilitar que os alunos observassem a língua e seus usos, bem como seu caráter dinâmico, capaz de modificar as construções e modos de uso, nas diversas situações comunicativas.

Para um melhor entendimento da nossa proposta de intervenção, apresentamos as etapas do trabalho que buscamos desenvolver durante a programação da Semana do Meio Ambiente, que como mencionamos anteriormente ocorreu durante todo o mês de junho, tendo em vista a coordenação pedagógica considerar, o período de uma semana, pouco tempo para abordar a temática.

1º momento:

Em alusão às atividades referentes à Semana do Meio Ambiente, exibimos um vídeo intitulado “Carta do ano de 2070”⁹ em que um homem vem nos contar sobre a degradação ocorrida em nosso planeta, em virtude do descaso com o meio ambiente. Após a exibição do vídeo, iniciamos uma rápida discussão sobre o impacto que nossas ações causam ao planeta

⁹ O vídeo ao qual nos referimos refere-se a uma “carta escrita no ano de 2070, onde uma humanidade debilitada e com sequelas provenientes da degradação do meio ambiente e do esgotamento de recursos não renováveis tenta advertir sobre as consequências e erros de sua geração e com o peso do arrependimento gostariam de voltar no tempo e praticar ações com responsabilidade ambiental e prol da humanidade, das gerações futuras e do planeta terra. O Texto contido no vídeo foi publicado na revista “Crônicas de losTiempos” em abril de 2002, ilustrando a catástrofe mundial enfrentada pela humanidade em função da falta de água e dos recursos não renováveis no planeta”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTc9UPtW2ts> – acesso em 30 de maio de 2016.

Terra e lançamos a pergunta: **Como será a vida em nosso planeta daqui a 40 anos?**, ocasião em que os alunos foram emitindo suas opiniões acerca da temática exposta. Com o intuito de fazer os alunos perceberem que já usam as formas verbais em seu cotidiano sem que seja necessário classificá-los o tempo todo, pedimos que elaborassem frases que respondessem a essa indagação. Acreditamos que a fala produzida durante a situação comunicativa ali vivenciada influenciou na escrita, pois foi o ponto de partida para a elaboração das frases e consequentemente do texto.

Em seguida, solicitamos que os alunos lessem as frases produzidas por eles e promovemos uma discussão sobre a importância dos verbos e de sua aplicabilidade na língua a partir do que eles escreveram. Fizemos com que os alunos refletissem sobre que circunstância de tempo as frases elaboradas por eles indicavam e como chegaram a essa conclusão; sobre a estrutura utilizada por eles para formar o tempo futuro; e se haveria outra(s) possibilidade(s) de expressar futuro. Promovemos o debate a partir das indagações feitas aos alunos, fazendo os esclarecimentos necessários à medida que eles foram interagindo conosco.

Na sequência, solicitamos que os alunos produzissem um texto narrativo em que eles contariam como será a vida daqui a quarenta anos, para tanto poderiam basear-se no vídeo apresentado e nas discussões realizadas tanto na aula de língua portuguesa quanto nas demais aulas de outras disciplinas que abordaram as questões relativas ao meio ambiente.

Optamos pelo texto narrativo pelo seu caráter subjetivo, julgando que seria mais fácil para os alunos exporem seus pensamentos, posicionando-se face ao que estavam narrando. Reforçamos que os textos produzidos seriam expostos no mural da escola, no último dia de realização das atividades referentes à Semana do Meio Ambiente para a apreciação das outras turmas e que seria feita a escolha e premiação do melhor texto.

Após a elaboração dos textos, e tendo em vista a necessidade de um recorte para nosso estudo, escolhemos cinco produções para uma análise prévia do uso do tempo futuro contido nas sentenças. O critério utilizado na seleção dos textos foi o maior índice de ocorrência do uso do futuro perifrástico, tendo em vista ser o foco de estudo de nossa pesquisa.

2º momento:

Iniciamos a aula apresentando, no quadro-negro, algumas das frases que havíamos destacado dos textos selecionados anteriormente, sem mencionar a autoria, e solicitamos aos alunos que identificassem os verbos em cada uma, em seguida, indagamos sobre a ideia

expressa pelos verbos destacados, alguns afirmavam tratar-se do presente, outros garantiam tratar-se do tempo futuro.

Num segundo momento, convidamos os alunos a ouvirem a música “Um índio” de Caetano Veloso, interpretada por Zé Ramalho, e discutimos brevemente sobre o que eles entenderam da letra da música, sobre os personagens que são mencionados. Logo depois, pedimos que os alunos identificassem no texto os verbos que indicavam futuro, e discutimos sobre o valor semântico desses verbos, indagando-os em que se baseavam para chegarem à conclusão de que eles indicavam futuro; qual a estrutura utilizada para formar esse tempo verbal.

Após as colocações dos alunos, fizemos alguns esclarecimentos sobre a formação do tempo futuro do indicativo apresentada no livro didático e a lista com modelo de conjugação de alguns verbos regulares nos tempos do modo indicativo, contida também no livro didático, para que comparassem os verbos destacados da letra da música, observando se tinham a mesma estrutura. Logo em seguida, pedimos que os alunos ouvissem a música “Você vai ver” da dupla Zezé de Camargo & Luciano, mais próxima do gosto musical deles, se comparada à música anterior e questionamos sobre a estrutura utilizada no título: Ela dá ideia de futuro? É a mesma estrutura utilizada na música que estudamos anteriormente? O que mudou na forma de estruturá-las? Qual destas formas é mais facilmente encontrada no cotidiano de vocês?

Discutimos sobre as questões à medida que eles interagiam conosco, explicando que o uso do futuro do presente na forma sintética, como, por exemplo, em **descerá, virá**, na nossa língua, geralmente, predomina na língua escrita, e é considerada pela gramática normativa como a forma padrão; já a forma constituída pelo auxiliar IR no presente+ verbo no infinitivo, geralmente, predomina na língua falada, mas que esta predominância é relativa e depende muito da intenção de quem a escreve ou fala e que mesmo na escrita podem ocorrer as duas formas como visto nos textos estudados, por se tratar de letras de músicas.

Nosso objetivo, nessa etapa, foi fazer com que os alunos compreendessem a importância da estrutura verbal e as diferentes formas existentes para expressar ideia de futuro, conforme a situação de fala e/ou escrita. Apresentamos a seguir os dois textos utilizados nessa etapa da atividade.

Você Vai Ver– Zezé Di Camargo e Luciano

Você pode encontrar muitos amores
Mas ninguém vai te dar o que eu te dei
Podem até te dar algum prazer
Mas posso até jurar, você vai ver
Que ninguém vai te amar como eu te amei

Você pode provar milhões de beijos
Mas sei que você vai lembrar de mim
Pois sempre que um outro te tocar
Na hora você pode se entregar
Mas não vai me esquecer nem mesmo assim

Eu vou ficar
Guardado no seu coração
Na noite fria solidão
Saudade vai chamar meu nome
(Meu nome)
Eu vou ficar
Num verso triste de paixão
Em cada sonho de verão
No toque do seu telefone
Você vai ver!

<https://www.letras.mus.br/zeze-di-camargo-e-luciano/64822/>Acesso em 20 de maio de 2016

Um índio – Caetano Veloso

Um índio **descerá** de uma estrela colorida, brilhante
 De uma estrela que **virá** numa velocidade estonteante
 E **pousará** no coração do hemisfério sul
 Na América, num claro instante
 Depois de exterminada a última nação indígena
 E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
 Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias

Virá

Impávido que nem Muhammad Ali

Virá que eu vi

Apaixonadamente como Peri

Virá que eu vi

Tranquilo e infalível como Bruce Lee

Virá que eu vi

O axé do afoxé Filhos de Gandhi

Virá

Um índio preservado em pleno corpo físico
 Em todo sólido, todo gás e todo líquido
 Em átomos, palavras, alma, cor
 Em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico
 Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
 Do objeto-sim resplandecente **descerá** o índio
 E as coisas que eu sei que ele **dirá, fará**
 Não sei dizer assim de um modo explícito

Virá

Impávido que nem Muhammad Ali

Virá que eu vi

Apaixonadamente como Peri

Virá que eu vi

Tranquilo e infalível como Bruce Lee

Virá que eu vi

O axé do afoxé Filhos de Gandhi

Virá

E aquilo que nesse momento se **revelará** aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
 Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
 Quando **terá** sido o óbvio

3º momento:

Após as atividades desenvolvidas com as letras das músicas e a discussão acerca das formas que podemos utilizar para expressar tempo futuro, bem como os contextos de ocorrência de cada forma, solicitamos aos alunos que em casa procurassem ambas as ocorrências do futuro trabalhado em sala de aula em revistas, jornais, entrevistas, histórias em quadrinhos, entre outras fontes, e trouxessem na aula seguinte. Com esse material em mãos, pudemos analisar conjuntamente as duas formas de expressar ideia de futuro, a perifrástica e a sintética. Alguns alunos relataram que foi mais difícil encontrar ocorrências do futuro sintético. Essa declaração reforça as palavras de Furtado da Cunha (2007), no seu estudo do *Corpus Discurso & Gramática*, ao afirmar que a forma sintética, considerada norma-padrão pelas gramáticas tradicionais, vem perdendo seu papel de destaque, ocorrendo em contextos mais formais da escrita e da oralidade.

Objetivamos, nessa etapa, fazer com que os alunos desenvolvessem sua competência comunicativa de modo eficaz, interagindo com diversos gêneros, utilizando as habilidades adquiridas coerentemente tanto na modalidade escrita quanto na oral.

4º momento:

Na última etapa de nossa proposta de intervenção, retomamos o conceito de verbo, de tempo e modo apresentados pela gramática normativa, frisando o uso da forma sintética referente ao tempo futuro, comparando-a com a ocorrência da forma perifrástica e ressaltando a importância do ensino de gramática, em particular o uso do tempo futuro, a partir dos usos reais da língua nas diversas situações comunicativas.

Na fase diagnóstica, os alunos não tinham o conhecimento linguístico sistematizado sobre as variadas formas de expressar ideia de futuro, o que os levou a utilizá-las indistintamente. Porém, após terem contato com o fenômeno linguístico, de modo funcional, através das ações desenvolvidas no decorrer da execução da atividade interventiva, dividimos a turma em grupos e pedimos que fizessem a reescritura dos textos elaborados na primeira etapa, considerando uma situação comunicativa mais formal, o fato dos textos serem expostos no mural da escola para a apreciação das demais turmas e a escolha do melhor texto para ser premiado.

No último capítulo, analisamos os dados de nossa pesquisa, no intuito de entender os usos reais da língua, observando se nossa proposta de intervenção obteve resultados satisfatórios para o ensino de língua materna, se contribuiu de modo significativo para a aprendizagem dos alunos, atestando o caráter maleável da gramática que, conforme a teoria funcionalista está “num contínuo fazer-se, mas nunca se estabiliza”, (HOPPER, 1987).

6 MOMENTO DE INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA: OS USOS LINGUÍSTICOS

Nesse capítulo, apresentamos inicialmente algumas considerações sobre o modo como o livro didático aborda a formação do tempo futuro em língua portuguesa. Em seguida, fazemos a análise dos resultados a partir da interpretação dos fatores discursivos, semânticos e pragmáticos que influenciaram as ocorrências do futuro perifrástico nas amostras de textos selecionadas, e se nossa proposta de intervenção contribuiu para aprendizagem dos alunos no que se refere ao uso das formas variantes para expressar futuro nos diversos contextos da língua portuguesa.

6.1 A abordagem do tempo futuro no livro didático

Na análise das atividades desenvolvidas no livro didático *Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*, apresentamos algumas considerações acerca da maneira como a formação do tempo futuro é abordada, se são consideradas as situações de uso da língua ou se predomina o aspecto normativo.

Ressaltamos, mais uma vez, que nosso propósito não é condenar o trabalho com a gramática normativa, tão pouco desconsiderar o uso do livro didático em sala de aula, e sim discutir o ensino de gramática de forma mais produtiva, em que o uso da língua em situações reais tenha espaço nas aulas de língua portuguesa, de modo que possamos contrapor a “língua ideal” (padrão), muitas vezes apresentada no livro didático e/ou gramáticas normativas de forma cristalizada, estática, com seu uso real em diferentes situações comunicativas. A esse respeito, nos diz os Parâmetros Curriculares Nacionais que,

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (MEC, 2001, p.29)

As práticas relacionadas à língua portuguesa devem ser trabalhadas em sua totalidade e não de forma fragmentada, visto que o processo de observação e análise de determinado aspecto da língua implica uma articulação com outros aspectos envolvidos implícita ou

explicitamente no processo de ensino. Entretanto, a divisão do livro didático, foco de nossas considerações, em unidades que se apresentam, respectivamente, em cadernos (seções) de leitura e produção; práticas de literatura e estudos de língua e linguagem, na maioria das vezes, parecem se fechar em torno de si mesmas de forma desarticulada, desconsiderando as especificidades de cada uma das práticas relativas à linguagem, bem como a articulação estabelecida entre estas.

Apesar de se verificar esta divisão em tópicos no livro didático em questão, percebemos a possibilidade de se trabalhar a gramática da língua relacionando-a ao contexto, muito embora tais possibilidades sejam apresentadas de forma sutil, cabendo ao professor atentar para tais questões e no procedimento da seleção e priorização dos conteúdos relacionados à língua tendo como princípio fundamental a abordagem funcionalista que considera o uso real da língua nas diversas situações comunicativas, bem como os fundamentos descritos nos PCN de língua portuguesa (2001) “as necessidades dos alunos e suas possibilidades de aprendizagem”, que são definidos a partir do grau de complexidade do objeto em estudo.

Em nossa pesquisa, como já mencionamos anteriormente, nos detivemos à apresentação de como o tempo futuro é abordado na seção de estudos de língua e linguagem do referido livro, de modo que os demais cadernos (seções) não foram analisados. Passemos, então, às considerações acerca das atividades desenvolvidas no livro didático.

Inicialmente, não parecer ser a proposta das autoras trabalhar a interpretação do texto abaixo, atividade que pressupõe uma reflexão acerca do contexto, do sujeito enunciador, do interlocutor, da finalidade da interação, do lugar e do momento da produção. Entretanto, ao observar o enunciado da questão, percebemos que esta pressupõe um conhecimento normativo por parte do aluno, uma vez que são abordadas noções referentes aos tempos verbais.

Twilight Fake

Os fãs de Crepúsculo vão xingar muito o filme Os vampiros que se mordam no Twitter!

Sabe aquelas comédias de Hollywood que têm tanta piada sem graça que você acaba rindo de tão bobas que são? Assim é *Os vampiros que se mordam*, uma paródia de *Crepúsculo*, *Alice no País das Maravilhas*, *Black Eyed Peas* e até da Lady Gaga. O melhor é que o Edward Cullen de mentira é interpretado pelo colírio Matt Lanter, o Liam de 90210 (*Barrados no baile*). Em todas as cenas, ele aparece falando quase dormindo com Bella (Jenn Proske) e usando muito (muito mesmo!) pó branco na cara, batom e delineador. É muito engraçado! Ainda rola uma briga feia entre fãs de Jacob e Edward e, em uma das cenas, o rosto de Bella vira um hambúrguer e a garota é atacada com garfo e faca pelos Cullen. Outro destaque é Jacob, interpretado por Chris Riggi, que aparece sem camisa o tempo inteiro. É de passar mal. Mas chega! Não vamos mais contar nada porque tem vááárias piadas legais.



Cena do filme *Os vampiros que se mordam*. Direção de Jason Friedberg e Aaron Seltzer. EUA, 2010.

Glossário

Twilight: (inglês) nome original da série *Crepúsculo*.

Fake: (inglês) falso.

CRUZ, Phelipe. Capricho, São Paulo, ed. 1106, p.90.

Um dos pontos positivos observados na abordagem dos tempos verbais é que são trabalhados gêneros textuais variados. A imagem anterior é parte da resenha de um filme que, certamente, já foi assistido por boa parte dos alunos. Em seguida é apresentada uma fábula e uma tirinha, todos abordando os tempos verbais.

Apesar da variedade de gêneros textuais, nessa seção são trabalhadas apenas questões referentes às noções gramaticais, envolvendo esses tempos verbais. Por conta da delimitação de nossa temática nos detemos aos itens que abordam o tempo futuro.

5. Fizemos uma alteração no subtítulo da resenha. Observe.

Os fãs de Crepúsculo vão xingar muito o filme Os vampiros que se mordam no Twitter!



Os fãs de Crepúsculo xingaram muito o filme Os vampiros que se mordam no Twitter!

- Qual dos dois subtítulos fala de algo que aconteceu no passado? E qual deles fala de algo que ainda vai acontecer no futuro?
- O que há no texto que o ajudou a perceber essa diferença? Justifique.

Nessa atividade, são trabalhados os tempos verbais passado e futuro. No que se refere ao futuro, a forma perifrástica, **vão xingar**, é abordada como possibilidade de expressá-lo, porém não são fornecidas maiores informações acerca do uso dessa forma para indicar futuramente, ou da possibilidade de outra(s) forma(s) que também o indiquem.

A pergunta do item **b** induz os alunos a, através da interação comunicativa, com o professor e entre eles, compreenderem a importância do verbo na construção dos enunciados no que concerne à codificação da categoria verbal, de modo que os alunos possam estabelecer a diferença entre os tempos verbais, visto que a língua como afirma Furtado da Cunha & Tavares (2007, p.14), é dinâmica, viva e de caráter social que vai sendo adquirida e utilizada nas diversas situações de interação comunicativa, logo deve ser entendida como algo que está sujeito às variações linguísticas, sofrendo mudanças tanto na escrita quanto na fala.

O enunciado abaixo foi retirado da fábula *O lobo e o cordeiro* de Esopo.

3. Releia a última fala do lobo.

— De qualquer modo, vou devorar você!

- De que outra forma ele poderia dizer "vou devorar", usando apenas uma palavra?

(FIGUEIREDO, L. de; BALTHASAR, M.; GOULART, S.. *Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2012, p.234.)

No trecho destacado, observamos mais uma vez o uso da forma perifrástica para indicar futuro, sem que sejam feitas considerações sobre o porquê dessa possibilidade na língua portuguesa, em que contexto ela pode ser utilizada. Fica explícito na pergunta que há outra maneira para expressar futuro, porém o livro didático não apresenta formalmente qualquer explicação sobre tal variação.

Com base nas discussões apresentadas anteriormente, percebemos que a maioria dos livros didáticos de língua portuguesa apresenta apenas o futuro do presente como forma a ser utilizada para expressar futuramente. Ao observarmos a abordagem adotada pelo livro didático alvo de nossas considerações, constatamos que o futuro simples é apresentado como a forma padrão na língua, ficando a cargo do professor, a partir de seus conhecimentos linguísticos, instigar os alunos a refletirem sobre o uso língua, considerando a natureza dinâmica e emergente da linguagem e da gramática.

Na abordagem sobre o tempo futuro, o professor munido desses conhecimentos linguísticos pode aproveitar, por exemplo, a questão 3 apresentada anteriormente, e destacar o

uso do verbo IR no enunciado, mostrando que na função de verbo pleno indica movimento espacial, mas que muda de função e sentido quando usado na formação da perífrase, passando a funcionar como marcador de tempo futuro, com um caráter de verbo auxiliar, e que ambas as formas são possíveis na língua para exprimir futuridade, porém que em contextos mais formais o futuro simples torna-se mais adequado.

Como já mencionamos anteriormente, diversos estudos atestam que o verbo IR vem passando por um processo de gramaticalização que parece quase concluído na modalidade oral, porém vem conquistando espaço na modalidade escrita e mesmo em contextos mais formais verificamos o uso da perífrase, em paralelo à forma sintética, fato que não é esclarecido pelo livro didático em questão.

No final da unidade sobre o estudo dos tempos verbais, são expostos dois quadros, que reproduzimos a seguir, os quais reafirmam o posicionamento de autores como Antunes (2003), Furtado da Cunha (2007), entre outros, sobre a predominância da perspectiva normativa dada ao ensino no livro didático de língua portuguesa.

Tempos do indicativo

As palavras analisadas na fábula e na tira indicam os tempos dos **verbos no modo indicativo** — que, como você já sabe, é o modo utilizado pelo falante para expressar algo que certamente acontece, aconteceu ou acontecerá.

O tempo **presente** indica que o fato expresso pelo verbo ocorre no momento da fala. Além desse uso, pode revelar um fato habitual ou permanente.

O tempo **pretérito** expressa um fato ocorrido antes do momento da fala. Esse tempo divide-se em:

a) pretérito perfeito — indica uma ação pontual e marcada no tempo;

b) pretérito imperfeito — transmite uma ideia de ação que se estende no tempo ou costumava acontecer;

c) pretérito mais-que-perfeito — expressa uma ideia de ação que ocorreu antes de outra também no passado.

O tempo **futuro** revela uma ação que ocorrerá depois do momento em que se fala. O futuro divide-se em: **futuro do presente**, que expressa uma ação futura, simplesmente, e **futuro do pretérito**, que expressa uma ação futura que ocorreria se uma condição fosse atendida.

Veja:

Modo	Tempo		
Indicativo	Presente	Digo e repito: não quero sair. Janto todos os dias no mesmo horário. O rio Amazonas desemboca no mar.	
	Perfeito	Fiz as atividades de casa antes do almoço.	
	Pretérito	Imperfeito	Quando criança, brincava com minha prima na rua. Cantava quando Nei chegou.
		Mais-que-perfeito	Saíra antes de o avião partir.
	Futuro	Do presente	Estudarei amanhã, após as aulas.
		Do pretérito	Se conseguisse terminar o trabalho, vijaria com você no sábado. Adoraria jantar com minhas amigas no final de semana.

(FIGUEIREDO, L. de; BALTHASAR, M.; GOULART, S.. **Singular & plural**: leitura, produção e estudos de linguagem. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2012, p.235.)

Como já foi dito anteriormente, podemos notar que há a possibilidade de se trabalhar os itens gramaticais numa abordagem mais funcionalista, no entanto, no que se refere a esses

tópicos percebemos que não há indícios de tal prática já que são apresentados os conceitos puramente normativos, utilizando-se quase sempre do texto apenas como pretexto para explicitar conceitos gramaticais perpetuados pelas gramáticas normativas, não destacando a relação entre a norma e o uso real da língua.

6.2 Análise da proposta interventiva nas produções textuais

A proposta de intervenção, que se constitui parte de nossa análise, foi iniciada na escola Antônio de Sousa Dias, em de junho do ano em curso, por ocasião da Semana do Meio Ambiente em que todas as disciplinas deveriam trabalhar a temática de forma interdisciplinar no decorrer do mês. Na primeira atividade desenvolvida, foi exibido o vídeo “Carta do ano de 2070” cuja temática era a degradação do meio ambiente e a escassez de água em nosso planeta. Após a exibição do vídeo, os alunos apresentaram suas impressões, falaram sobre o que lhes chamou atenção no relato do homem e os impactos que nossas ações causam ao planeta Terra. Em seguida, pedimos que os alunos pensassem um pouco e respondessem à questão: Como será a vida no planeta Terra daqui a 40 anos?

Inicialmente, os alunos responderam oralmente ao questionamento feito. Em seguida pedimos que eles escrevessem frases que respondessem à pergunta. Observamos que a fala dos alunos influenciou bastante a escrita. Nesse primeiro contato, nossa intenção era trabalhar a modalidade oral, que por vezes, não é explorada no ensino de língua portuguesa, favorecendo, assim, um maior contato com o uso real da língua.

Nesse momento, procuramos fazer com que os alunos refletissem também sobre o aspecto temporal dos verbos utilizados em suas falas, que circunstâncias eram expressas e qual a estrutura dos verbos utilizados por eles, evidenciando a importância de abordarmos aspectos da realidade dos alunos, do seu contexto, dando-lhes um sentido funcional.

Em seguida, solicitamos que os alunos escrevessem um texto narrativo, abordando como seria a vida no planeta Terra daqui a quarenta anos, com base no vídeo que havíamos trabalhado e nas discussões realizadas sobre o meio ambiente, nas aulas de outras disciplinas. Após a leitura dos textos produzidos, selecionamos cinco para a realização do diagnóstico inicial sobre a ocorrências das variantes usadas para expressar futuro, em especial a perifrástica.

Com o intuito de fazer com que os alunos compreendessem a importância da estrutura verbal no texto e as diferentes formas de expressar ideia de futuro, trabalhamos, na aula seguinte, duas músicas produzidas em contextos e épocas diferentes (Um índio – Zé Ramalho

e Você vai ver – Zezé de Camargo & Luciano), a fim de evidenciar os aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos que envolviam as escolhas linguísticas, a estrutura da forma verbal. Esse momento foi muito produtivo, pois os alunos interagiram bastante durante das discussões, levando hipóteses de acordo com as perguntas feitas sobre os aspectos da língua, ao passo que verificavam a validade ou não das hipóteses, à medida que comparavam as letras das músicas.

Como tarefa de casa, pedimos que os alunos procurassem em diferentes suportes de comunicação ocorrências das duas variantes usadas para expressar futuro que foram trabalhadas em sala de aula. No encontro seguinte, os alunos compartilharam o material que conseguiram encontrar e alguns relataram tiveram mais dificuldade em encontrar ocorrências do futuro sintético. Esse momento da intervenção também foi relevante, pois os alunos interagiram com diversos gêneros textuais como tirinhas, reportagens, história em quadrinhos, resenhas, entre outros, e puderam observar o uso das variantes de futuro em textos que fazem parte do cotidiano deles, do mundo real.

Na última etapa da intervenção, dividimos a turma em cinco grupos, pois queríamos que eles interagissem entre si, trocando opiniões sobre as possíveis alterações que poderiam ser feitas nos textos, e solicitamos que os reescrevessem considerando um contexto de uso mais formal.

Ressaltamos que, a análise das amostras das produções textuais desenvolvidas durante a realização da atividade interventiva ocorreu a partir da interpretação de fatores semânticos, discursivos e pragmáticos que influenciam o uso da forma perifrástica. Passando à análise das amostras, inicialmente, observamos os títulos dos textos produzidos no início da intervenção.

QUADRO 01: Títulos dos textos

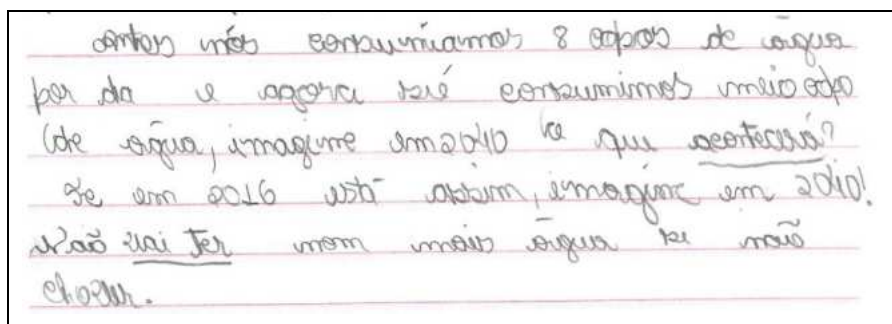
<i>“Como vai ser em 2040?”</i>	Texto 1
<i>“A vida em 2040”</i>	Texto 2
<i>“A vida no ano de 2040”</i>	Texto 3
<i>“Como vai ser a vida daqui a 40 anos?”</i>	Texto 4
<i>“A vida no ano de 2040”</i>	Texto 5

(SOUZA, 2016)

De acordo com o quadro, observamos que nos títulos dos textos 1 e 4 é utilizada a forma perifrástica **vai ser**, com o intuito de indicar algo que ocorrerá em um futuro distante, enquanto que nos demais títulos aparecem as locuções adverbiais **em 2040**, **no ano de 2040**, **daqui a 40 anos**, para expressar futuridade. Na reescritura do texto, os grupos I e IV alteraram o título, substituindo a forma perifrástica pela forma sintética **será**. Desse modo, atestamos que os alunos compreenderam que em situações mais formais, como no caso das produções textuais desenvolvidas no ambiente escolar, o uso do futuro simples torna-se a escolha mais adequada, por se tratar de uma situação mais monitorada. Ressaltamos que a forma perifrástica não é estigmatizada em português, porém o futuro simples é considerado “mais conservador”, por estar presente nas gramáticas normativas, as quais são adotadas como base para o ensino padrão na língua. Embora, o futuro perifrástico seja a forma inovadora, é socialmente aceitável.

Na amostra seguinte, observamos uma ocorrência de futuro simples, **acontecerá**, a única que aparece nesse texto.

AMOSTRA 2: Texto 1 – *Como vai ser em 2040?*

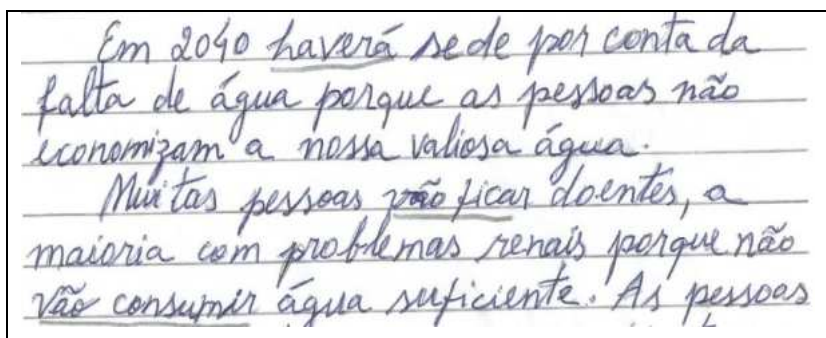


Nesse exemplo, percebemos a ocorrência das duas variantes para indicar futuro. Esse fato ratifica o dinamismo linguístico que nos permite lançar mão de diversas maneiras para expressarmos nossas ideias. Desse modo, como as duas formas são aceitas na língua e veiculadas em diferentes situações comunicativas, pareceu adequado o uso de ambas. Porém, na reestruturação, mais uma vez o grupo apresentou o verbo no futuro simples **acontecerá** por entender que o texto exige um caráter mais formal, e adaptaram a perífrase para a forma simples **terá**. Essa adaptação é reflexo das escolhas linguísticas que os alunos podem efetuar, adequando-se às situações comunicativas. Sendo assim, o ensino de gramática tornou-se mais eficiente e significativo.

Desse modo, entendemos que é papel da escola considerar a variação linguística a partir dos textos produzidos em situações reais de uso, expondo o aluno ao maior número possível de situações comunicativas, como ressalta Furtado da Cunha & Tavares (2007). É necessário que o professor leve o aluno a perceber que há várias formas de se dizer a mesma coisa, e que cada forma tem uma receptividade diferente. A função da escola é acolher e respeitar os dialetos, as diferentes variedades da língua, de modo a incentivar a aquisição de novas competências linguísticas.

Alguns estudos relacionados aos fatores linguísticos que influem na ocorrência da perífrase atestam que advérbios e locuções adverbiais tendem a motivar seu uso, porém não é o que verificamos na amostra abaixo:

AMOSTRA 3: Texto 3 – A vida em 2040



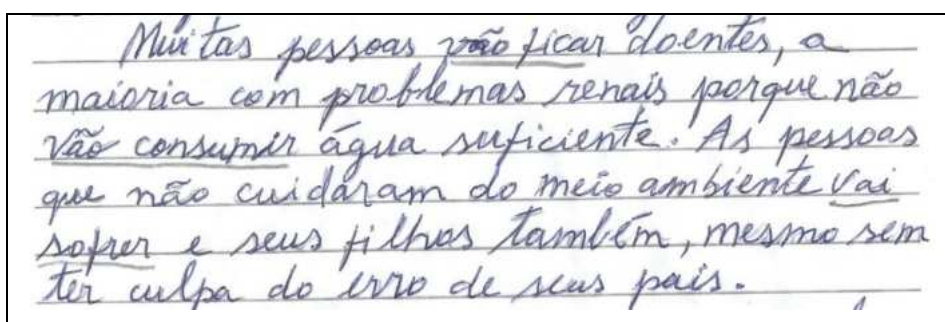
Observamos que apesar da locução adverbial, **em 2040**, que, segundo os aspectos linguísticos, motivaria o uso da forma perifrástica, o verbo **haver** aparece no futuro simples, atestando mais uma vez que a língua é mutável e que as escolhas linguísticas são reflexo das várias possibilidades de uso da língua, portanto cabe ao escritor/falante refletir sobre elas, de modo a utilizá-las da maneira mais adequada. Sendo assim, entendemos que é importante a utilização dos textos produzidos pelos alunos, nas aulas de língua portuguesa, para que eles possam refletir sobre o uso da língua, a partir de situações mais concretas, reais.

Em relação ao verbo haver, os alunos demonstraram já terem internalizado o uso dessa forma verbal no futuro simples. Em todas as ocorrências observadas nas amostras, esse verbo apareceu apenas na forma sintética, Do ponto de vista linguístico, há uma tendência da

ocorrência do futuro simples quando o verbo da oração comporta-se como desinencial, como é o caso do verbo haver, nesse contexto.

Na amostra 4, observamos que quanto ao processo de gramaticalização do verbo IR, a ocorrência da extensão semântica de movimento espacial para indicador de tempo, em que o verbo ir, na função de auxiliar, passa a ter uma acepção mais abstrata, perdendo o sentido de verbo pleno, como ocorreu nos exemplos anteriores.

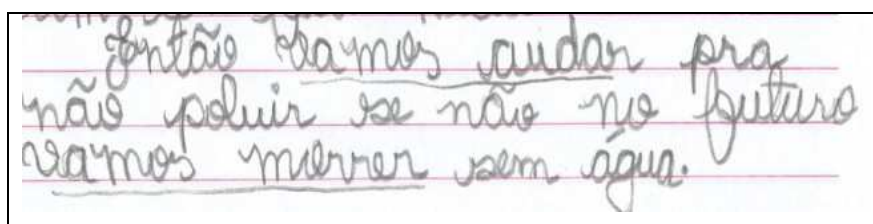
AMOSTRA 4: Texto 3 – A vida em 2040



Na versão mais formal, os alunos substituíram as formas perifrásticas **vai ficar**, **vão consumir**, **vai sofrer** por suas correspondentes sintéticas **ficarão**, **consumirão**, **sofrerão**, sem causar prejuízo algum à compreensão do texto. Observamos que os verbos que assumem a função de principais – **ficar**, **consumir**, **sofrer** – não apresentam nenhuma relação com o sentido de movimento, reforçando, do ponto de vista linguístico, a ideia de marcação de tempo do verbo IR.

Na amostra 5, uma ocorrência da forma perifrástica nos chamou atenção pelo fato do verbo IR não atribuir ideia de futuro. Vejamos:

AMOSTRA 5: Texto 2 – O mundo em 2040

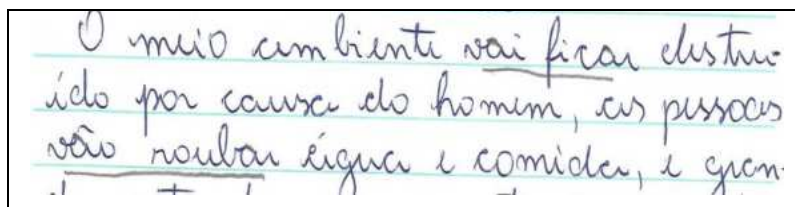


Observamos que nesse caso, a perífrase expressa ideia de pedido, de apelo para que as pessoas cuidem do meio ambiente, de modo que não morram por falta de água no futuro.

É interessante observar que na reescrita desse texto, o grupo, valendo-se das possibilidades da língua, troca a forma perifrástica **vamos cuidar** pela expressão **devemos cuidar**, atribuindo, assim, um sentido de obrigação a ação de cuidar do meio ambiente para não morrermos por falta de água. Ressaltamos que essa foi a única ocorrência que conseguimos identificar em que o verbo IR não atribui ideia de futuro à forma perifrástica.

Na amostra abaixo, destacamos duas ocorrências que atestam o processo de gramaticalização do verbo IR como auxiliar.

AMOSTRA 6: Texto 4 – Como vai ser a vida daqui a 40 anos?



Observamos que o sujeito da primeira oração, **o meio ambiente**, é inanimado, o que inibe a ideia de deslocamento espacial por parte do verbo IR, exercendo restrições semânticas, como no caso da animacidade do sujeito. Já na segunda oração, o sujeito, **as pessoas**, é um ser animado, o que poderia sugerir a ideia de deslocamento do verbo IR em **vão roubar**.

Segundo Furtado da Cunha (2007), o uso da perífrase, como marcador de tempo futuro, pode ser usada tanto para se referir a sujeitos animados quanto sujeitos inanimados, e que sua ocorrência com sujeito inanimado é uma evidência da gramaticalização do verbo IR como auxiliar. Nesse caso, o verbo ir deixa de indicar movimento, passando a ser marcador de tempo e tornando-se um item mais gramatical. Essa mudança se reflete nos textos orais e escritos produzidos pelos alunos.

É importante destacarmos que nossa intenção ao solicitar que os alunos reescrevessem os textos selecionados foi fazer com que eles compreendessem que em contextos mais formais, como no caso das produções que seriam expostas no mural da escola para a apreciação das outras turmas, o uso da forma sintética torna-se mais viável, porém essa escolha envolve fatores linguísticos discursivos, semânticos e pragmáticos, que variam de acordo com a intenção do escritor/falante.

Sendo assim, nosso propósito maior foi desenvolver atividades ao longo das etapas da proposta interventiva que contemplassem as variantes usadas para expressar ideia de futuro, de modo que os alunos ampliassem sua competência linguística, sendo capazes de adequar a língua às diferentes situações comunicativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira como se trabalha com os itens gramaticais nas aulas de língua portuguesa tem gerado muitas discussões ao longo das últimas décadas e, enquanto professores, muitas vezes, nos questionamos se devemos utilizar ou não a gramática no ensino de língua.

Partindo de nossa prática docente percebemos que o ensino de língua limitado à aulas de metalinguagem não era produtivo, por isso sentíamos a necessidade de (re)pensar o trabalho com a gramática em nosso ambiente escolar, visto que era notória a apatia dos alunos em relação a abordagem dos itens gramaticais.

É fato que o ensino de gramática em nossas escolas ainda tem se voltado essencialmente para o prescritivo, sobretudo para a gramática normativa, como atestaram estudos mencionados ao longo do capítulo 4, que tratou sobre o ensino de gramática. Acreditamos que a gramática normativa pode e deve ser utilizada nas aulas de língua portuguesa, embora se saiba que, trabalhada de forma isolada, ela não ensina ninguém a falar ou escrever bem, entretanto ajuda na medida em que possamos abordá-la de uma maneira menos autoritária, contemplando a variedade linguística, a mutabilidade da língua.

Diante dessas observações, nossa pesquisa se propôs a discutir o ensino de língua numa perspectiva funcionalista, como alternativa que pudesse trazer uma contribuição mais efetiva ao ensino de gramática, na análise e produção de textos em nossas aulas de língua portuguesa. Para tanto, buscamos entender, a partir dos usos reais, o modo como as variantes de futuro eram utilizadas pelos alunos em suas produções textuais, já que esse fenômeno mostrou-se recorrente nos textos; que fatores contribuíam para a ocorrência de cada variante e por que os educandos apresentavam tantas dificuldades para compreender as regras ensinadas pela gramática normativa, uma vez que utilizavam ambas as ocorrências de futuro, sem fazer distinção entre os contextos de uso de cada forma, nas produções textuais.

Nos últimos anos, muitas pesquisas linguísticas surgiram acerca dos tempos verbais instigadas pelo fato da maioria das gramáticas tradicionais não considerar a variação no modo de se expressar tempo, selecionando a mais conservadora (futuro sintético) e elegendo-a como forma padrão aceitável na língua. Com base nessas pesquisas e na observação das ocorrências de futuro, em especial da forma perifrástica, elaboramos e aplicamos nossa proposta de intervenção que visava fazer com que os alunos compreendessem que a utilização das várias formas de expressar ideia de futuro ocorria em situações comunicativas diferentes, conforme o nível de monitoramento do texto, e que não podíamos desconsiderar o dinamismo da língua, e suas “estruturas linguísticas emergentes”, uma vez que novas formas e usos surgem a todo

tempo, com o intuito de “dar conta de necessidades comunicativas e cognitivas do falante”, como pudemos constatar com o uso do verbo IR+ infinitivo para indicar ideia de futuro, atestando que determinado uso linguístico não é melhor do que outro, mas que atendem à finalidades distintas.

Ao investigarmos o processo de gramaticalização do verbo Ir, verificamos que ele passou por uma mudança estrutural e semântica, assumindo a função de verbo pleno com um sentido de movimento, e de auxiliar quando acompanhado de outro verbo no infinitivo para expressar ideia de futuro. Atestamos também que a forma inovadora (perifrástica) convive com a mais conservadora (forma sintética) e que fatores linguísticos, sociais, discursivos, pragmáticos e semânticos influenciam escritor/o falante na escolha da forma que ele julga mais adequada ao contexto.

Com base em pesquisas que abordavam o uso do futuro perifrástico na modalidade oral e escrita, como Gibbon (2000), Oliveira (2006), Tesch (2011) e Figueiredo (2015), percebemos que os falantes de português brasileiro, normalmente, não parecem apresentar uma reação negativa no que se refere ao uso da forma perifrástica como indicadora de futuridade e que apesar do futuro simples ser considerado como forma padrão pela gramática normativa, a perifrástica não parece sofrer estigma social, como ocorre em outras situações.

Diante dessas constatações, confirmamos nossa hipótese de que a predominância do futuro sintético na modalidade escrita ocorre pelo fato de a mudança/variação se implantar primeiro na fala, vindo a se incorporar à escrita mais tardiamente. Isso explica o fato dos alunos terem utilizado a forma perifrástica na modalidade oral e escrita, sem distinguir os contextos de uso. Entretanto, apesar da implementação da forma inovadora ter atingido a variedade padrão, os contextos favoráveis para seu uso ainda parecem ser condicionados por fatores linguísticos e discursivos.

No que se refere ao livro didático, percebemos que há um trabalho com a variação linguística, ainda que de forma sutil e fragmentada, tendo em vista a separação dos eixos linguísticos em seções (cadernos), e que, na escola, predomina ainda a concepção de gramática como “conjunto de regras que devem ser seguidas pelos seus usuários para bem falar e escrever”.

Quanto à proposta de intervenção realizada, procedemos à análise de alguns textos produzidos pelos alunos no intuito de constatar se as atividades desenvolvidas contribuíram de modo significativo na aprendizagem deles no que diz respeito ao uso das variantes utilizadas para expressar tempo futuro em língua portuguesa, conforme o nível de formalidade do texto, seja na modalidade oral ou escrita.

As etapas da proposta interventiva que precederam a reescrita mais monitorada dos textos foram fundamentais para que os alunos compreendessem de forma prática, a partir de textos veiculados na mídia, no caso das letras de músicas trabalhadas e dos textos que eles pesquisaram em diversos suportes, além dos produzidos por eles mesmos, que não há uma forma única, cristalizada, para expressar ideia de futuridade como a gramática normativa tende a mostra, visto que a língua é dinâmica, capaz de adaptar-se as mais diversas situações comunicativas.

As discussões realizadas sobre as diferenças entre oralidade e escrita, aspectos de formalidade e informalidade no texto, o valor semântico do verbo, foram de grande relevância, uma vez que partiam sempre do conhecimento prévio dos alunos, possibilitando uma maior interação durante as aulas, pois eles sentiram-se sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem e não meros receptores de regras estáticas, baseadas em frases soltas, descontextualizadas.

Durante a análise dos textos, notamos que os alunos compreenderam que a escolha da forma mais adequada para expressar ideia de futuro está relacionada aos aspectos mais formais, aos contextos mais monitorados da língua, como no caso das produções textuais no ambiente escolar, e que, apesar do caráter subjetivo do texto narrativo, sua produção não deixa de ser uma situação que exige uma escolha mais formal.

É importante salientar que nosso intuito com a reescrita do texto não era fazer com que os alunos deixassem de utilizar a forma perifrástica na oralidade e na escrita, passando a usar o futuro simples, que, na maioria das vezes, não faz parte do repertório linguístico deles, mas sim, que compreendessem as possibilidades de uso das quais eles poderiam se apropriar para expressar futuridade na língua, pois temos consciência de que nossa proposta interventiva não objetivou mostrar que há formas “certas” e “erradas” quanto ao uso das estruturas linguísticas, e sim que existem possibilidades múltiplas que dependem de aspectos semânticos, discursivos, pragmáticos, linguísticos e extralinguísticos.

As discussões e reflexões de nossa pesquisa objetivaram (re)pensar sobre o ensino de gramática numa perspectiva mais reflexiva, funcional, pois acreditamos que a escola deve contemplar a variação linguística presente nos textos reais que circulam dentro e fora do espaço escolar, incluindo as produções dos alunos, de modo que eles possam atuar como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem da língua nas diferentes situações comunicativas e desenvolver suas competências linguísticas, haja vista entendermos ser necessário que o ensino se ajuste à realidade linguística, e não o contrário, de modo que os

alunos possam ter mais interesse pelas aulas de língua portuguesa e que esta passe a ter mais sentido para esses discentes.

Para tanto, buscamos através do tópico referente ao tempo futuro, especificamente o perifrástico, fazer com que os alunos conhecessem e utilizassem algumas das formas de expressar futuridade e refletissem sobre os usos que eles fazem da língua. Apresentamos um quadro-resumo com as principais observações acerca das produções elaboradas pelos alunos:

Produção Inicial	Produção Final
• Na análise prévia das produções, observamos que os alunos utilizavam a forma perifrástica e a sintética indistintamente no mesmo texto; • Os alunos não compreendiam, na prática, o uso das formas variantes utilizadas para expressar ideia de futuro.	• Durante a reescrita do texto, os alunos observaram que, por se tratar de um texto de caráter mais formal, a escolha pela forma sintética tornou-se mais adequada; • Os alunos tiveram a possibilidade de ampliar sua competência linguística, ao compreenderem, a partir de seus próprios textos, que o uso das formas de expressar futuro se adequam conforme a situação comunicativa.

Não foi propósito desse trabalho apresentar “receitas prontas” que solucionassem os problemas e dilemas do ensino de gramática, e sim oferecer referenciais para serem discutidos e compreendidos no contexto da prática docente, à luz dos pressupostos do funcionalismo que considera a língua como um instrumento de interação vinculado às situações reais de comunicação, e da gramaticalização do verbo IR, que passa por um processo de mudança na indicação de futuro no tocante à estruturação e ao uso da forma perifrástica no ensino de língua portuguesa.

A atividade desenvolvida objetivou contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos no tocante à gramática, de modo que este ocorra a partir do uso efetivo e reflexivo da língua, a fim de que os educandos desenvolvam sua competência comunicativa de forma eficaz, sendo capazes de utilizá-la de maneira coerente tanto na modalidade oral quanto na escrita. Sendo assim, acreditamos que nossa proposta interventiva foi relevante para as discussões acerca do modo como a gramática é abordada em sala de aula e que contribuiu de forma significativa no processo ensino-aprendizagem das formas de expressar futuro, pois

partindo dos usos reais, apresentou-se como possibilidade para um trabalho mais significativo com a gramática da língua.

Vale ressaltar que esse trabalho não está concluído, pois estudos sobre as variantes que indicam futuridade necessitam de maiores discussões que não foram contempladas em nossa pesquisa, como o uso do presente do indicativo que tem como âncora temporal os advérbios para indicar ideia de futuro; a necessidade de se trabalhar as variantes populares em sala de aula, correlacionando-as com a norma-padrão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da língua portuguesa**. 45^a. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontros & interação**. 4^a ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 2^a ed. São Paulo, Loyola, 1999.
- _____, M. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 20^a ed. São Paulo, Loyola, 1998.
- BAKHTIN, M. A Interação Verbal. In: BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8^aed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BECHARA, E. **Ensino de gramática**. Opressão? Liberdade? 7^a ed. São Paulo: Ática, 1993.
- _____, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BYBEE, J. L. et al. Back to future. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B., **Approaches to grammaticalization**. Focus on theoretical and methodological issues. Amesterdam: Benjamins, 1991.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nóis chegemu na iscola, e agora? – Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CÂMARA Jr., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de janeiro: Padrão, 1985.
- CEZARIO, M. M; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2^a. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo, Loyola, 2002. cap. 3. p. 37-61.
- FÁVERO, L. L. & KOCK, I. V. **Linguística Textual: Introdução**. 4^a ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- FIGUEIREDO, L. de; BALTHASAR, M.; GOULART, S.. **Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. 1^a ed. São Paulo: Moderna, 2012.
- FIGUEREIDO, J. G. dos Santos. **A expressão do futuro verbal na escrita escolar de Ipirá-BA**. Feira de Santana, UEFS, 2015. 130 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos),

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo gramática?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (Coleção Na ponta da língua)

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. Linguística funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007. (p.13 – 49)

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, M. A. da. A gramaticalização do verbo *ir*: implicações para o ensino. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007. (p.53 – 85)

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015. (p.157 – 174).

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GIBBON, A. O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Florianópolis: UFSC, 2000. 126 p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

GIVÓN, T. **Funcionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B.(eds), Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W. **Modelos Sociolingüísticos**. Tradução: José Miguel Marinas Herreras. Madrid, Ediciones Cátedra, 1997.

LAJOLO, M. **Livros didáticos: um (quase) manual de usuário**. Em Aberto. Brasília, n. 69, v. 16, jan./mar. 1996, pp 3-9.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 2ª. ed. rev. e atual. São Paulo, Globo, 2002.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. et.al. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

- MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 2001.
- MURRIE, Z. F. Reflexões sobre o ensino- aprendizagem de gramática. pp. 65-77. In: _____. **O ensino de português**. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- NEVES, M. H. M. **Gramática na escola**. 3ª. ed. São Paulo: contexto, 1994.
- _____. **Que gramática estudar na escola?** São Paulo: contexto, 2003.
- _____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. 254p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Programa de Pós- Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- OLIVEIRA, J. M. de. **A expressão de futuro verbal na escrita jornalística baiana**. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 8, n. 1, junho de 2012. Disponível em <<http://www.ufrj/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em 20/07/2016.
- OLIVEIRA, M. M. de. **Como se faz pesquisa qualitativa**. 7ª. ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português**. 9ª. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- PONTES, E. **Verbos auxiliares em português**. Rio de Janeiro, Vozes, 1973.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.
- ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- ROSÁRIO, I. da C. do. **Gramaticalização – uma visão teórico-epistemológica**. Revista Palimpsesto, n. 11, 2010. (p. 1-18).
- SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1966.

SANTOS, J. R. dos. **A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. (Dissertação de Mestrado).

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação**: Uma proposta para o ensino no 1º e 2º graus. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Expressão do aspecto pelas perífrases verbais. In: TRAVAGLIA, L.C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 5ª. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

TESCH, L. M. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba**: variação e gramaticalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. 192 p. (Tese de Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIDAL, R. M. B. **As construções com advérbios em –mente**: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna. Natal: UFRN, 2009. 187 p. (Tese de Doutorado em Linguística Aplicada), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos seu filho(a) a participar da Pesquisa "*O uso do futuro perifrástico em língua portuguesa: uma abordagem funcional*", sob a responsabilidade da pesquisadora *Maria Tereza Rodrigues de Souza*, a qual pretende estudar os resultados da aplicação de uma proposta de sequência didática para identificar os fatores que influenciam o uso da forma perifrástica com o verbo IR para formar o tempo futuro em língua portuguesa.

A participação do seu filho(a) é voluntária e se dará por meio de encontros em sala de aula, em grupos e individuais, caso haja necessidade. Inicialmente explicaremos os fins e meios da pesquisa aos referidos participantes, em seguida, teremos encontros em grupo com eles, com o objetivo de aplicar a sequência didática, momentos de observação na sala de aula e discussões com os referidos alunos.

Não haverá riscos decorrentes de participação por parte de nenhum sujeito inserido na pesquisa, uma vez que os recursos materiais utilizados para a pesquisa serão os de uso diário dos alunos. Mesmo depois de consentir a participação de seu filho(a) Vossa Senhoria poderá desistir de continuar participando, tendo o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a nenhum dos sujeitos. A Vossa Senhoria não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, a identidade será divulgada através de fotos que irão expor situações em grupo e individual do seu filho(a), bem como as produções de suas referidas respostas as atividades aplicadas em sala de aula. Para qualquer outra informação a Vossa Senhoria poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço Rua João Teberges, 492, Bairro Capoeiras, Cajazeiras – PB, pelos celulares (83) 99171-1354 e 99828-4366 e, ou poderá entrar em contato com o PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – UERN/CAMEAM (84) 3351 2560.

Consentimento Pós-Infomção:

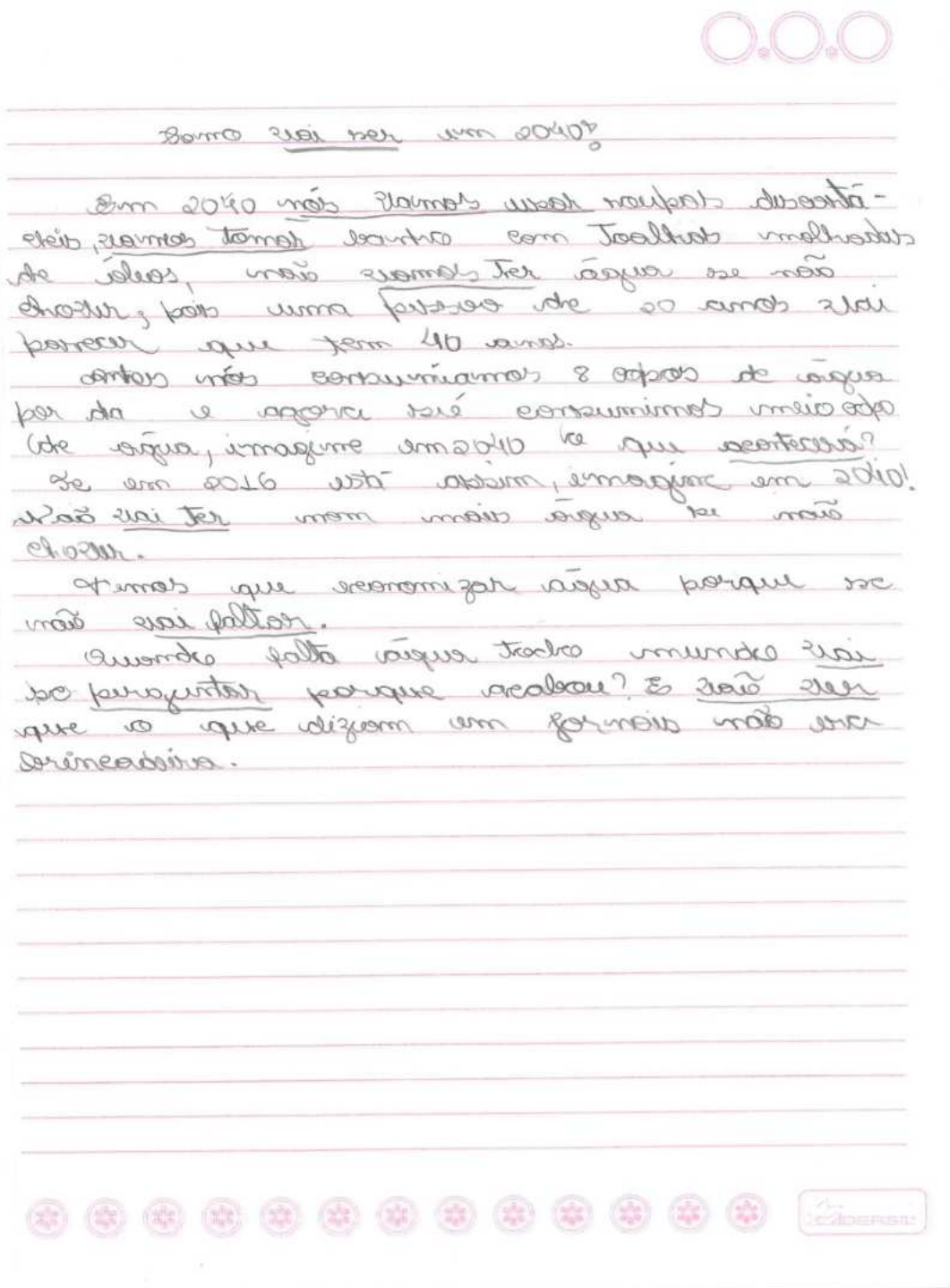
Nós, pais dos alunos do 7º ano da E.M.E.I.E.F. Antônio de Sousa Dias, fomos informados(as) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da colaboração de meu filho(a) e entendemos a explicação. Por isso, eu concordo que meu filho(a) participe do projeto, sabendo que não vamos ganhar nada e que ele(a) poderá sair quando quiser.

Maria Tereza Rodrigues de Souza Data: 01/06/2016
Maria Tereza Rodrigues de Souza
Pesquisadora responsável

Rosângela Maria Bessa Vidal
Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal
Orientadora

PRODUÇÕES TEXTUAIS DO INÍCIO DA INTERVENÇÃO

TEXTO 1



Bem sei que em 2040
 em 2040 nós vamos usar roupas dispostas -
 elas, vamos tomar banho com Toalhas molhadas
 de água, não vamos ter água se não
 chover, por uma falta de 20 anos não
 parece que tem 40 anos.
 então nós consumimos 8 litros de água
 por dia e agora só consumimos meio litro
 de água, imagine em 2040 a que se refere?
 Se em 2016 está assim, imagine em 2040!
 Não vai ter mais água se não
 chover.
 Vamos que economizar água porque se
 não vai faltar.
 Quando falta água todo mundo vai
 se perguntar porque acabou? E não sei
 que o que dizem em fóruns não são
 verdadeiras.

TEXTO 2




O mundo em 2040

Em 2040 o mundo vai estar muito diferente, pois ele vai estar sem água. Hoje em dia as águas estão ficando muito poluídas, porque tem pessoas que poluem as águas sem saber que estão prejudicando a si mesmo. Com a água poluída cada dia as doenças vão ficar maior e vai aumentar o risco da população ficar doente e até mesmo morrer. Eles não sabem que poluindo as águas no futuro, eles e quem não polui vão sofrer mais ainda porque eles vão ficar doentes sem ter feito nada.

Então vamos cuidar pra não poluir e não no futuro vamos morrer sem água.

TEXTO 3

S T O Q S S D
□ □ □ □ □ □ □

A vida em 2040

Em 2040 haverá sede por conta da falta de água porque as pessoas não economizam a nossa valiosa água.

Muitas pessoas vão ficar doentes, a maioria com problemas renais porque não vão consumir água suficiente. As pessoas que não cuidaram do meio ambiente vai sofrer e seus filhos também, mesmo sem ter culpa do erro de seus pais.

A vegetação não vai crescer mais pela falta de água e também pelos seres humanos derrubar as árvores da natureza.

As chuvas vai ficar poucas e quando chover será chuva ácida que não vai servir pra nada e nós vamos pagar até o ar que respiramos, tudo isso por causa da destruição do meio ambiente.

Sulamericana

TEXTO 4

* *
D · S · T · Q · Q · S · S

Como vai ser a vida daqui a 40 anos?

Daqui a 40 anos talvez não haverá grande fartura de água e não haverá ar puro para se respirar. As roupas serão descartáveis porque não vai ter água para lavar, haverá uma grande seca, fome e muito lixo acumulado.

O meio ambiente vai ficar destruído por causa do homem, as pessoas vão roubar água e comida, e grande parte das pessoas estarão diminuindo a duraduridade por falta de água.

Os rios e lagos vão desaparecer por conta da falta de água e os homens não cuidarão do meio ambiente.



STAY POSITIVE ♥ GOOD TASTE

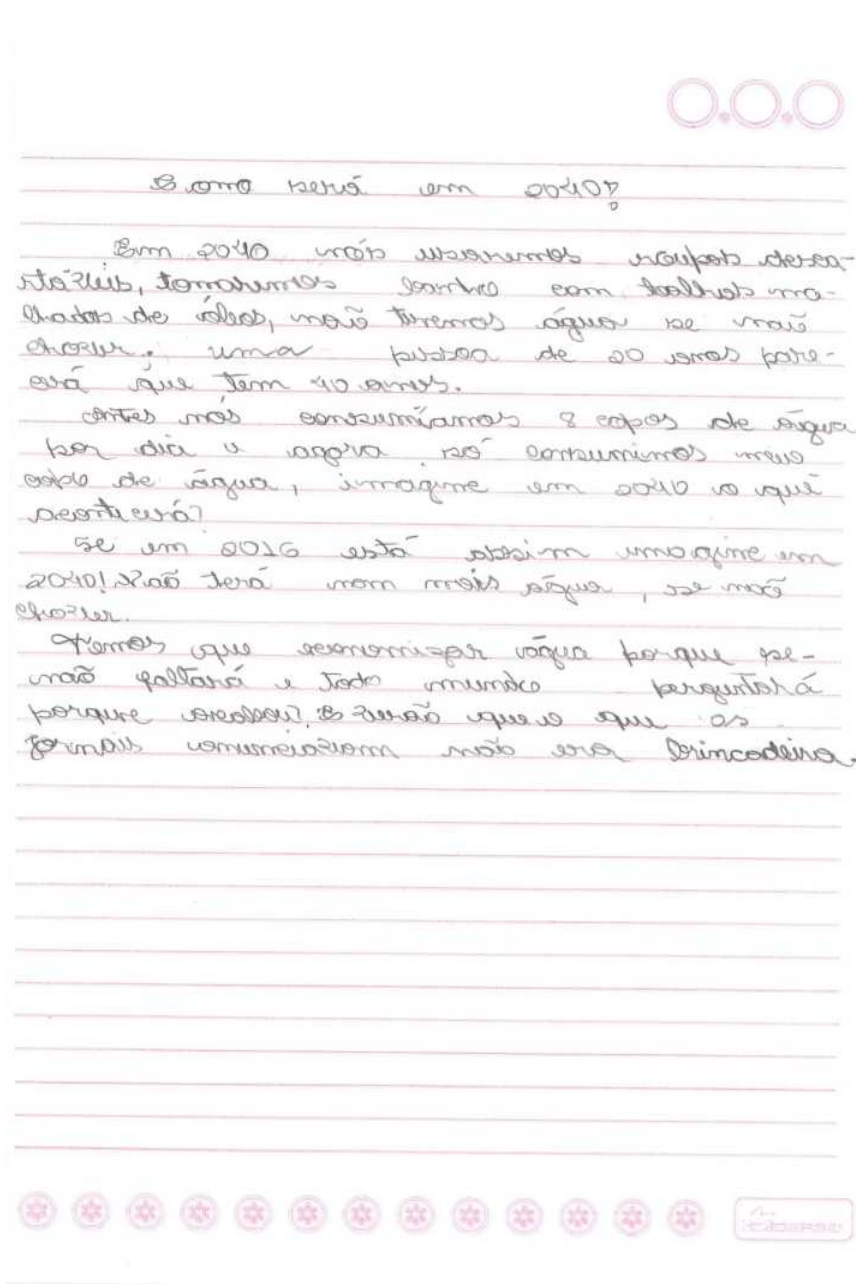
* * * Coca-Cola * * *

TEXTO 5

A vida no ano de 2040

Em 2040 vai ter mais vida no planeta, o desmatamento vai acabar, a poluição também vai acabar e as pessoas vão ser mais cabeça para pensar no que elas estão fazendo com a natureza. Vão parar de destruir, de poluir as águas e vão cuidar de economizar a água e vão parar de fazer queimadas por causa das outras plantas e vão parar de cortar as árvores que trazem oxigênio para nós.

TEXTOS APÓS A INTERVENÇÃO



O.O.O

Bom dia em 2040

Em 2040, nós vamos trabalhar muito mais rápido, teremos menos tempo com trabalhos mais chatos de fazer, não teremos água se não chover, uma pessoa de 20 anos pode estar que tem 40 anos.

antes nós consumíamos 2 copos de água por dia e agora só consumimos meio copo de água, imagine em 2040 o que será?

Se em 2016 está assim imagine em 2040! Não terá nem mais água, se não chover.

Temos que economizar água porque se não faltará e todo mundo perguntará porque desperdiçamos? E não quero que as pessoas comecem a morrer por falta de água.

O.O.O

EQUIPE 1



O Mundo em 2040



Em 2040 o mundo estará muito diferente pois ele não terá água. Hoje em dia as pessoas poluem as águas sem saber que estão prejudicando a si mesmas. Com a água poluída a cada dia as doenças aumentarão e o risco de morrer também.

As pessoas devem ter consciência de que poluindo as águas, no futuro seus filhos sofrerão, por isso devemos cuidar do nosso meio ambiente, se não morreremos sem água no nosso planeta.

S I Q O S S D
□ □ □ □ □ □ □

A vida em 2040

Em 2040 haverá sede por causa da falta de água, pois as pessoas não economizam a nossa valiosa água.

Muitas pessoas ficarão doentes, a maioria com problemas renais porque não consumirão água suficiente e ficarão com uma aparência mais velha. As pessoas que não cuidaram do meio ambiente sofrerão e seus filhos também, mesmo sem terem culpa do erro de seus pais.

A vegetação não crescerá mais por causa da falta de água e também porque os seres humanos derrubaram as árvores da natureza.

As chuvas ficarão poucas e quando chover será chuva ácida que não servirá pra nada e nós pagaremos até pelo ar que respiramos, tudo isso por causa da destruição do meio ambiente.

Sulamericana



Como será a vida daqui a 40 anos?

Daqui a 40 anos talvez não haja grande futuro de água nem de paz para se respirar. As roupas se não desceiteáveis porque não terá água para lavar, haverá uma grande seca, fome e muito lixo acumulado.

O meio ambiente ficará estranho por causa do homem, as pessoas roubarão água e comida. Grande parte das pessoas estarão desnutridas e doentes por falta de água.

Os rios e lagos desaparecerão por conta da falta de água se os homens não cuidarem do meio ambiente hoje.



STAY POSITIVE ♥ GOOD TASTE

* * * Coca-Cola * * *

EQUIPE 4



A vida no ano de 2040

Em 2040 terá mais vida no planeta, o desmatamento e a poluição também acabarão. As pessoas serão mais conscientes para pensar no que estão fazendo com a natureza.

As pessoas não destruirão, nem poluirão as águas, elas economizarão a água e deixarão de fazer queimadas, de cortar as árvores que trazem oxigênio para nós.

EQUIPE 5